

FUNDAÇÃO DE ENSINO SUPERIOR “EURÍPIDES SOARES DA ROCHA”  
CENTRO UNIVERSITÁRIO EURÍPIDES DE MARÍLIA – UNIVEM  
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO COM LINHA DE FORMAÇÃO EM COMÉRCIO  
EXTERIOR

**PATRÍCIA NAOMI TAKAGI  
RENATA COSTA SILVA**

**VANTAGENS E DESVANTAGENS DA PARTICIPAÇÃO DO  
BRASIL NO MERCOSUL**

MARÍLIA

2008

PATRÍCIA NAOMI TAKAGI  
RENATA COSTA SILVA

**VANTAGENS E DESVANTAGENS DA PARTICIPAÇÃO DO  
BRASIL NO MERCOSUL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro Universitário Eurípides de Marília, mantido pela Fundação de Ensino Eurípides Soares da Rocha, para obtenção do título de Bacharel em Administração com linha de formação em Comércio Exterior.

Orientadora:

Prof<sup>a</sup>. Dra. GIULIANA AP. SANTINI  
PIGATTO

MARÍLIA

2008

TAKAGI, Patrícia Naomi; SILVA, Renata Costa.

Vantagens e Desvantagens da Participação do Brasil no Mercosul / TAKAGI, Patrícia Naomi; SILVA, Renata Costa; orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Giuliana Ap. Santini Pigatto  
Marília, SP: [s.n.], 2008.

55 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (em Administração com Linha de Formação em Comércio Exterior) - Centro Universitário Eurípides de Marília - UNIVEM - Fundação de Ensino Eurípides Soares da Rocha.

1. Blocos econômicos 2. Mercosul 3. Relações diplomáticas.

CDD: 337.8



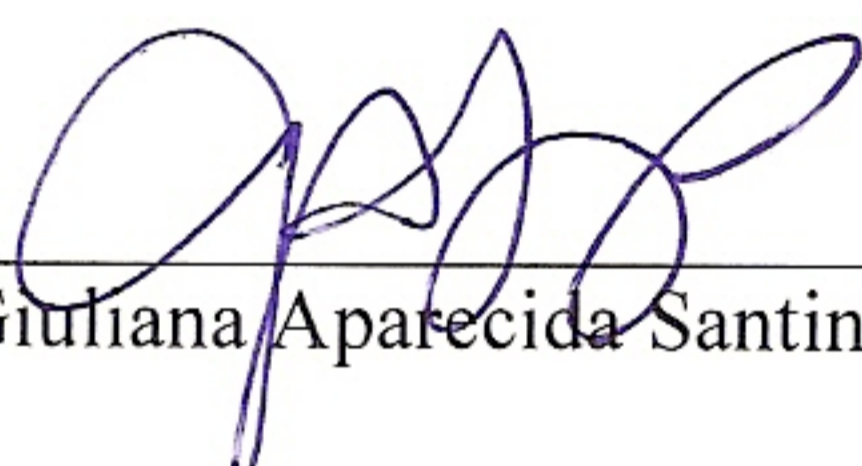
FUNDAÇÃO DE ENSINO "EURÍPIDES SOARES DA ROCHA"  
Mantenedora do Centro Universitário Eurípides de Marília - UNIVEM  
Cursos: Administração de Empresas, Análise de Sistemas, Comércio Exterior, Marketing.

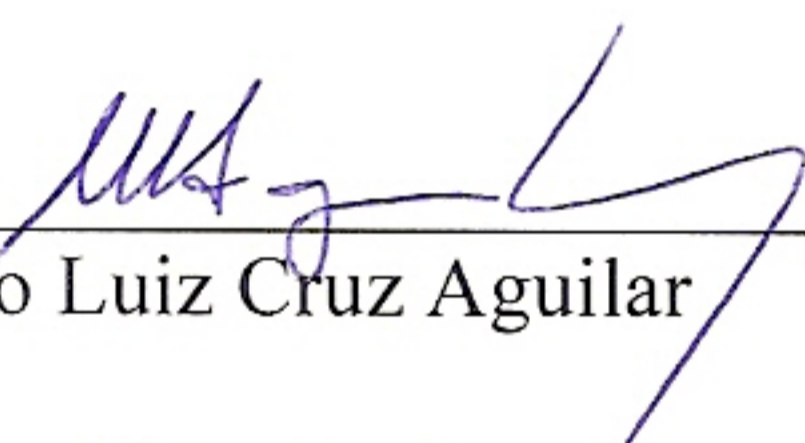
Patrícia Naomi Takagi - 31274-6  
Renata Costa Silva - 30579-0


TÍTULO "VANTAGENS E DESVANTAGENS DA PARTICIPAÇÃO DO BRASIL NO  
BLOCO MERCOSUL "

Banca examinadora do Trabalho de Curso apresentada ao Programa de Graduação em Administração de Empresas da UNIVEM, F.E.E.S.R, para obtenção do Título de Bacharel em Administração de Empresas.

Nota: 9,5

ORIENTADOR:   
Giuliana Aparecida Santini Pigatto

1º EXAMINADOR:   
Sérgio Luiz Cruz Aguilar

2º EXAMINADOR:   
Marisa Rossinholi

Marília, 19 de novembro de 2008.

## **AGRADECIMENTOS**

*A todos que de alguma forma passaram por nossas vidas e contribuíram para a construção de quem somos hoje.*

*Aos nossos pais por todo o amor, carinho, dedicação e educação que nos deram desde o início desta longa caminhada da vida.*

*E um agradecimento à nossa professora orientadora Giuliana Santini, quem nos orientou durante todo o desenvolvimento deste trabalho.*

*“O objetivo da vida é o desenvolvimento próprio, a total percepção da própria natureza, é para isso que cada um de nós vem ao mundo. Hoje em dia as pessoas têm medo de si próprias. Esqueceram o maior de todos os deveres, o dever para consigo mesmos” (Oscar Wilde).*

TAKAGI, Patrícia Naomi; SILVA, Renata Costa. Vantagens e Desvantagens da Participação do Brasil no Mercosul. 2008. 55 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Administração com linha de formação em Comércio Exterior) - Centro Universitário Eurípides de Marília – UNIVEM, Fundação de Ensino Superior “Eurípides Soares da Rocha”.

## RESUMO

Em um cenário mundial globalizado em que vivemos, onde cada vez mais surge a necessidade de inovar para que as nações se tornem competitivas, a evolução nas trocas comerciais se ampliam, abrindo a necessidade de criação de novas estratégias de comércio, resultando nas alianças e blocos econômicos entre países, com o intuito de proteger as economias, se tornar competitivo, com redução de preços e aumento do mercado para os seus produtos. Com base nesse contexto, os países do cone sul viram no Mercosul uma forma de união vantajosa, com livre comércio e redução de tarifas, garantindo assim, maiores lucros para todos os seus Estados-Parte. Nesse sentido, este trabalho tem por objetivo focar as vantagens e desvantagens que o bloco econômico Mercosul trouxe para os países membros e, principalmente, para o Brasil. O estudo, realizado por meio de revisão bibliográfica, foca-se nas relações conturbadas na área política, econômica e social dos países do cone Sul, que normalmente entravam o desenvolvimento integral do bloco. E como resultado, observou que a vantagem para o Brasil é o aumento de suas exportações. Politicamente, umas das vantagens, é o papel que país desempenha como líder desse bloco, encabeçando negociações de importância mundial, que traz benefícios comerciais para todo o bloco.

**Palavras-chave:** Blocos econômicos, Mercosul, relações diplomáticas.

TAKAGI, Patrícia Naomi; SILVA, Renata Costa. Vantagens e Desvantagens da Participação do Brasil no Bloco Mercosul. 2008. 55 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Administração com linha de formação em Comércio Exterior) - Centro Universitário Eurípides de Marília – UNIVEM, Fundação de Ensino Superior “Eurípides Soares da Rocha”.

#### ABSTRACT

In a globalized world wide scene that we are living, all nations feel the need of innovation to become competitive as the evolution of commercial trades get a larger proportion. New commercial strategies results on alliances and economical blocks between countries with intention to protect their economy and to be competitive by reducing prices and raising markets. In this context, the countries of the south region of America created the Mercosul, which were the proposal of an advantageous union that included free trades and reduction of fees that would bring better profits for all of the members. In this direction, this paperwork has for objective to focus about the advantages and disadvantages that the block brought for the members, specially for Brazil. This study was carried through by bibliographical revision and we focused at the bad political, economical and social relations between the members of America's South region that hold the full development of the block down. The conclusion is that the economical advantages for Brazil are the raise at the amount of exportation. Politically, one of the advantages is the role that the country plays as leader of the block, heading negotiations of world wide importance that brings benefits for all members.

**Key Words:** Economical Blocks, Mercosul, diplomatic relations.



## **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1 – Exportações brasileiras para o Mercosul (em milhões US\$, FOB) .....	45
Gráfico 2 – Importações brasileiras do Mercosul (em milhões US\$, FOB) .....	45

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – PIB comparativo do Mercosul (1990 – 2007) .....	25
Tabela 2 – Argentina: evolução do comércio exterior total 2000 – 2007 (em US\$ milhões) .	31
Tabela 3 – Paraguai: evolução do comércio exterior total 1999 – 2006 (em US\$ milhões) ...	33
Tabela 4 – Uruguai: evolução do comércio exterior 1998 – 2007 (em US\$ milhões) .....	36
Tabela 5 – Venezuela: comércio exterior de 2002 a 2007 (US\$ milhões, FOB) .....	38
Tabela 6 – Relação comercial entre Brasil e Mercosul .....	40
Tabela 7 – Intercâmbio comercial do Brasil com a Argentina (em bilhões US\$) .....	41
Tabela 8 – Intercâmbio comercial do Brasil com o Paraguai (em US\$ mil, FOB) .....	42
Tabela 9 – Intercâmbio comercial do Brasil e Uruguai (em US\$ mil, FOB) .....	44

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	12
CAPÍTULO 1 – APRESENTAÇÃO DO TEMA .....	13
1.1. Introdução ao Tema e Objetivos Propostos .....	13
1.2. Metodologia .....	15
1.3. Justificativa da pesquisa .....	15
CAPÍTULO 2 – ASPECTOS TEÓRICOS SOBRE A COOPERAÇÃO REGIONAL .....	17
2.1. O Processo de Integração Regional .....	17
2.1.1. Zona de livre comércio .....	17
2.1.2. União aduaneira .....	18
2.1.3. Mercado comum .....	18
2.1.4. União econômica .....	18
2.1.5. Integração econômica total .....	19
2.2. Protecionismo .....	21
2.2.1. Barreiras tarifárias .....	21
2.2.2. Barreiras não tarifárias .....	21
2.2.3. Outras formas de proteção .....	22
CAPÍTULO 3 – CARACTERÍSTICAS DAS ECONOMIAS DO MERCOSUL .....	24
3.1. O que é o MERCOSUL? .....	24
3.2. Estrutura Institucional do Mercosul .....	27
3.3. As Economias dos Países do Mercosul .....	29
3.3.1. Argentina .....	29
3.3.2. Paraguai .....	32
3.3.3. Uruguai .....	35
3.3.4. Venezuela .....	37
3.3.5. Aspectos comparativos entre os países .....	39
CAPÍTULO 4 – O BRASIL E O MERCOSUL .....	40
4.1. Relação Comercial do Brasil com o Mercosul .....	40
4.2. Algumas Reflexões em Torno da Relação - Brasil e Demais Países do Bloco ..	46
CONCLUSÃO .....	49
REFERÊNCIAS .....	51

## INTRODUÇÃO

Vivemos em um cenário mundial globalizado, caracterizado pela interação econômica, política e social entre os diversos países. Este processo é a consequência da saturação de mercados internos, cuja solução foi ampliá-los para além das fronteiras de cada país. Além do aprofundamento da integração econômica, social, cultural e política, ocasionando a sua homogeneização.

Toda esta oferta de mercadorias resultou em uma nova ordem mundial: a competição econômica. O medo da concorrência entre os países gera medidas protecionistas, que por sua vez, amplia a necessidade de formação de blocos entre as nações, para que estas se fortaleçam e estabeleçam relações econômicas privilegiadas entre si.

Nesse sentido, este trabalho possui como tema central os arranjos de cooperação entre os países do Mercado Comum do Sul (Mercosul), que consiste em um bloco de cooperação comercial, criado em 1991, entre Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai, com o objetivo de diminuir barreiras comerciais, promover o livre trânsito de mão-de-obra, a circulação de mercadorias, entre outras vantagens.

A principal discussão nesse trabalho será em torno das características do Mercosul, ou seja, sua origem, características dos países que o integram, dados econômicos e comerciais do bloco. Objetiva-se analisar a complexidade e importância para os países membros. Nesse caso, busca-se avaliar as vantagens e desvantagens comerciais, econômicas e políticas ao Brasil, devido à sua participação no bloco.

Almeja-se adquirir conhecimentos mais aprofundados deste bloco econômico e sobre seu potencial, ou seja, o que poderá se tornar no longo prazo e as vantagens que poderá trazer aos integrantes.

## CAPÍTULO 1 – APRESENTAÇÃO DO TEMA

### 1.1. Introdução ao Tema e Objetivos Propostos

Após a II Guerra Mundial, em meados do século XX, o crescimento mundial foi alavancado por meio da reativação da produção e pela circulação de mercadorias. Neste cenário, os Estados Unidos da América (EUA) se destacaram como principal potência, pois com a Guerra, os países europeus e o Japão ficaram completamente devastados.

Com o fim da II Guerra Mundial, o mundo também foi ‘dividido’ em dois grandes sistemas econômicos e políticos: o Capitalista e o Socialista. E nesse contexto, os EUA novamente tiveram um interesse muito expressivo em aquecer a economia mundial e impedir o avanço do socialismo. Este interesse resultou na ajuda econômica para os países devastados pela Guerra.

A economia mundial começou a se revolucionar, no sentido de um maior nível de crescimento das economias nacionais, e com isso, relações especiais começaram a surgir, ou seja, alguns países passaram a trabalhar mecanismos de redução de protecionismo, de modo a facilitar o seu crescimento e desenvolvimento, inclusive em relação a aqueles enfraquecidos pela guerra.

Paralelamente a esse processo, e principalmente, de redução de protecionismo via rodadas de negociação (no âmbito das negociações do Acordo Geral de Tarifas e Comércio – GATT, e posteriormente, da Organização Mundial do Comércio, OMC), passa a tomar maior importância os acordos de cooperação, que trazem como principais vantagens, a possibilidade de gerar economias de escala aos países; economias de aprendizado; desenvolvimento de nações menores etc.

“Os Estados, movidos por interesses comuns, unem-se com intuito de alcançar objetivos comuns. E, para isso, criam uma estrutura institucional. Essa estrutura é colocada à serviço da realização de objetivos comuns, e pode apresentar-se com as características da intergovernamentalidade<sup>1</sup> ou supranacionalidade<sup>2</sup>” (MELO, 1999, p. 13).

Dentro desse contexto – de acordos que privilegiem a redução de protecionismo e formação de arranjos comerciais entre os países – este trabalho abordará especificamente o

---

<sup>1</sup> A intergovernamentalidade é uma característica que se apresenta no sentido de relacionamento entre os governos. Disso decorre o fato de os Estados Nacionais preservarem suas autonomias plenamente (MELO, 1999).

<sup>2</sup> Supranacionalidade significa a reunião de três elementos: a presença de valores ou interesses comuns; a institucionalização colocada a serviços comuns e autonomia desses poderes (MELO, 1999.).

bloco econômico sul americano Mercosul. O Mercado Comum do Sul, ao contrário do que o nome explicita, é uma União Aduaneira e não um mercado comum.<sup>3</sup> Em sua formação original, o bloco era formado por quatro Estados membros: Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai, e em 2006, a Venezuela assinou junto ao grupo um “Protocolo de Adesão”.

O bloco entrou em vigor no dia 1º de janeiro de 1995, após um longo período de negociações. Para se ter uma idéia da evolução histórica do acordo, os países do bloco iniciaram suas negociações em meados da década de 1980, em um contexto internacional muito diferente, em que os países passaram por profundas transformações políticas, buscando a integração econômica. A América Latina sofria com a crise da dívida nos anos de 1980, no qual Krugman & Obstfeld (2005) explicam que os governos despreparados tomaram decisões cada vez mais complexas; as economias eram protecionistas, com muita corrupção; e a forte recessão da economia mundial forçou a inadimplência de países em desenvolvimento.

As negociações foram iniciadas entre Argentina e Brasil, que estabeleceram o Tratado de Assunção, em março de 1991, e foi assinado por representantes de quatro países, com o firme compromisso de realizar a integração econômica entre eles, e desta forma, promover o desenvolvimento econômico com justiça social.

Dessa forma, o objetivo principal deste trabalho é o de apontar as vantagens e as desvantagens do ponto de vista comercial e, principalmente, econômico, político e social, que o bloco trouxe aos países membros, com maior ênfase ao Brasil, desde que entrou em vigor até os dias atuais. Com base nisso, deseja-se também apontar os rumos que o bloco pode vir a tomar, suas potencialidades, definir seus obstáculos e discutir alguns paradigmas que entravam no desenvolvimento “integral” deste bloco.

O trabalho está dividido em quatro capítulos. Este primeiro capítulo faz uma descrição sucinta do que vem a ser o Mercosul e a apresentação de como será desenvolvido o trabalho; qual a metodologia a ser utilizada e a justificativa desta pesquisa. O capítulo 2 trará contribuições, do ponto de vista teórico, sobre as fases de integração entre os países e o protecionismo dos mercados. O capítulo 3 aborda, de modo geral, as características principais do Mercosul e de suas economias. O capítulo 4 trata de questões mais específicas ao Brasil, ou seja, das vantagens e desvantagens trazidas ao Brasil, pela sua participação no bloco. Ao final desses capítulos são apresentadas algumas conclusões, com base na análise realizada.

---

<sup>3</sup> No capítulo 2 serão trabalhadas as diferenças de cada fase de integração econômica entre os países.

## **1.2. Metodologia**

A metodologia do Trabalho de Curso consiste no meio utilizado para a obtenção das informações necessárias para relatar o assunto abordado e apresentar os objetivos propostos, de forma acadêmica (atividade de graduação), científica (baseada no estudo de teorias e autores consagrados na área) e também social, por se tratar de um assunto que influencia a evolução das sociedades das nações envolvidas.

O que determina qual a metodologia de pesquisa que será utilizada é o tipo de estudo e o objetivo da análise. Neste Trabalho de Curso, o método de pesquisa a ser trabalhado é de revisão bibliográfica. Visa-se abordar as razões dos arranjos comerciais, a busca de dados secundários sobre fatores sociais, econômicos e comerciais, com base em dados do Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio (MDIC), Banco Mundial, Instituto de Estudos do Comércio e Negociações Internacionais (Ícone), Ministério das Relações Exteriores, Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), revistas, jornais (atualidades e tendências), e esclarecimentos de alguns autores sobre as causas de conflitos entre países membros e as possíveis soluções.

A teoria que embasará este trabalho é a de Cooperação Econômica Internacional, discutida no campo das Ciências Sociais Aplicadas, mais especificamente, nas áreas das Ciências Econômicas e Administração.

## **1.3. Justificativa da pesquisa**

Quando se pensa na atual economia mundial, percebe-se que as fronteiras entre os países e a distância dos continentes estão cada vez menos perceptíveis para a realidade comercial. Este fenômeno, em que as mercadorias “perdem” sua pátria, é a “tão discutida” Globalização, cujo processo está evoluindo rapidamente e é praticamente impossível de detê-la.

Como em qualquer fenômeno grandioso, a globalização trouxe efeitos igualmente impactantes, como por exemplo, é atribuída também à globalização a explicação do desemprego em escala global. Por outro lado, graças à essa integração de fronteiras, tornou-se possível o acesso infinito às informações, aos conhecimentos e às trocas de mercadorias entre as regiões mais distantes do planeta.

Neste processo de globalização, os blocos econômicos foram surgindo à medida que os países começaram a criar estratégias comerciais e, finalmente, perceberam que seria muito mais vantajoso e eficiente uma maior aproximação setorial de suas economias.

Os blocos econômicos geralmente são regionais, e são gerados principalmente pela necessidade, dos países membros, de ampliar sua atuação na economia, interagindo entre si e também entre outros blocos (relação interblocos).

Neste contexto, o Mercosul foi responsável por iniciar a integração dos países do Cone Sul, que se encontrava em profunda inflação e endividamento externo. Essa integração estimulou a industrialização e a exportação de produtos entre os países integrantes, cuja característica era a exportação de matérias-primas para os países desenvolvidos. Entre os países do bloco, a exportação passou a ser de vários produtos, tanto de produtos básicos como manufaturados, suprimindo suas necessidades.

Portanto, a temática deste trabalho é importante para se conhecer ainda mais os impactos econômicos, financeiros e sociais aos países dos blocos (especificamente ao Brasil), por suas participações nos acordos comerciais.

Além disso, vale ressaltar a importância do Brasil neste bloco, uma vez que o país apresenta vantagens comparativas em determinados produtos em que os países do bloco detêm menor vantagem competitiva. Sendo assim, também será possível propor soluções estratégicas para um maior nível de desenvolvimento igualitário entre os países do bloco.



## **CAPÍTULO 2 – ASPECTOS TEÓRICOS SOBRE A COOPERAÇÃO REGIONAL**

Este capítulo tem por objetivo explicitar a necessidade dos países de uma determinada região em formar as chamadas cooperações regionais.

Além disso, são detalhadas todas as fases de integração, de acordo com o nível de benefícios e privilégios, bem como obrigações de cada estado membro para com os parceiros.

### **2.1. O Processo de Integração Regional**

Grupos regionais se formam com o objetivo de que os países adquiram forças nas relações comerciais, aumentando assim, seu poder de consumo e de negociação.

Carvalho & Silva (2000) explicam que as integrações entre os países tiveram mais sucesso no campo econômico, como exemplo, a União Européia, que depois da II Guerra Mundial buscou sua integração, melhor entendimento e a paz entre os países.

Essa prática foi disseminada pelo mundo, e na América do Sul, a Associação Latino-Americana de Integração (ALADI) promoveu com sucesso a integração latino-americana, com o Mercosul, com a finalidade de proteger as economias envolvidas.

Os países procuram interagir-se por meio de acordos de interesse recíprocos. Carvalho & Silva (2000) explicam ainda, os diversos tipos de integração econômica, e que são classificados segundo o grau crescente de interdependência. São eles:

#### **2.1.1. Zona de livre comércio**

Os países concordam em eliminar barreiras de comércio recíproco e mantêm políticas comerciais independentes em relação aos demais. Como exemplo, o Acordo de Livre Comércio da América do Norte (Nafta) é um instrumento de integração das economias dos EUA, do Canadá e do México. Foi iniciado em 1988, por norte-americanos e canadenses, e o México aderiu em 1993. Consolidou-se então, um intenso comércio regional da América do Norte. O Nafta entrou em vigor em janeiro de 1994, com um prazo de 15 anos para a total eliminação das barreiras alfandegárias entre os três países membros (BLOCOS ECONÔMICOS, 2008)

### **2.1.2. União aduaneira**

Além da eliminação de barreiras no comércio, contemplado na seção 2.1.1., adota-se uma política comercial uniforme. Como exemplo, pode-se observar a União Aduaneira da África Austral (SACU), que entrou em vigor no dia 1 de março de 1970, com a assinatura do Acordo de União Aduaneira entre a África do Sul, Botsuana, Lesoto, Namíbia e Suazilândia. SACU é a mais antiga União Aduaneira em todo o mundo. Reúne-se anualmente para debater questões relacionadas ao acordo. Existem também comitês técnicos de ligação, ou seja, o Técnico de Coordenação da Alfândega, do Comércio e da Indústria, e do Comitê de Ligação *Ad Hoc* de Sub-Comissão da Agricultura, que se reúne três vezes por ano. Seu objetivo é o de manter o livre intercâmbio de mercadorias entre os países membros. Prevê ainda, uma tarifa externa comum e um imposto especial aduaneiro (*SOUTHERN AFRICAN CUSTOMS UNION, SACU, 2008*).

### **2.1.3. Mercado comum**

Nesta fase de integração há a liberdade de deslocamento, tanto de produtos, como também de capital e mão-de-obra, e com políticas econômicas uniformes. Como exemplo, tem-se o Mercado Comum e Comunidade do Caribe (CARICOM), um bloco de cooperação econômica e política, criado em 1973, formado por quatorze países e quatro territórios da região caribenha. Em 1998, Cuba foi admitida como observadora do Caricom. O bloco foi formado por ex-colônias de potências européias que, após a sua independência, viram-se na contingência de aliar-se para suprir limitações decorrentes da sua nova condição e acelerar o seu processo de desenvolvimento econômico. Os seus países-membros são: Antígua e Barbuda, Bahamas, Barbados, Belize, Dominica, Granada, Guiana, Haiti, Jamaica, Montserrat, Santa Lúcia, São Cristóvão e Neves, São Vicente e Granadinas, Suriname e Trinidad e Tobago (*MERCADO COMUM..., 2008*).

### **2.1.4. União econômica**

Os países acordantes buscam harmonizar políticas econômicas para que possam operar sob condições semelhantes entre os países. Como exemplo, pode-se citar a União Econômica e Monetária do Oeste Africano (UEMOA), que é uma organização de integração regional

criada por sete países da África Ocidental, que têm em comum uma moeda única, o Franco CFA. A UEMOA foi criada por um tratado assinado em Dakar, Senegal, em 10 de janeiro de 1994 pelos Chefes de Estado e de Governo do Benim, Burkina Faso, Costa do Marfim, Mali, Níger, Senegal e Togo. Em 2 de maio de 1997, a Guiné-Bissau tornou-se o oitavo estado membro da União (*HISTORIQUE DE L'UEMOA*, 2008).

### **2.1.5. Integração econômica total**

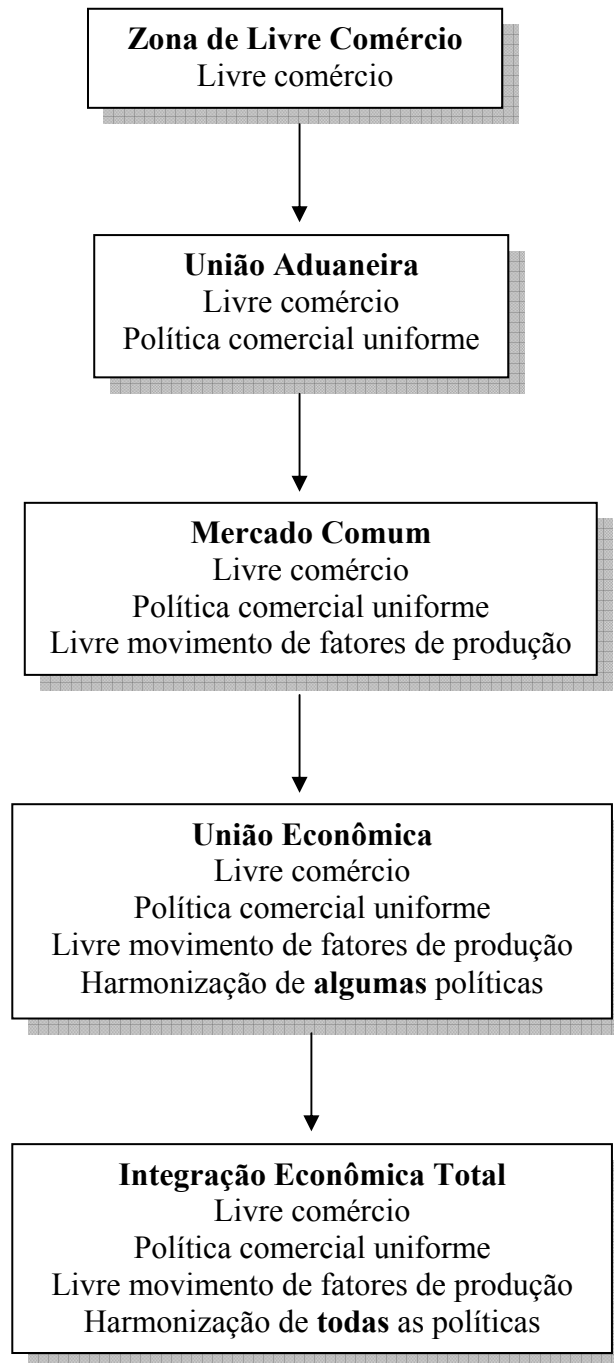
Este tipo de integração implica no livre deslocamento de bens, serviços, capitais e mão-de-obra. Prevê ainda, políticas econômicas, sociais e administrativas uniformes, por autoridades supranacionais. Como exemplo deste tipo de integração pode-se citar a União Européia (UE), formada, atualmente, por 27 Estados-membros (Alemanha, Áustria, Bélgica, Bulgária, Chipre, Dinamarca, Eslováquia, Eslovênia, Espanha, Estônia, França, Finlândia, Grécia, Holanda, Hungria, Irlanda, Itália, Letônia, Lituânia, Luxemburgo, Malta, Polônia, Portugal, Reino Unido, República Tcheca, Romênia e Suécia).

A UE tem três sedes principais, a da Comissão Européia (braço executivo da UE), que fica em Bruxelas (Bélgica); a do Parlamento, que fica em Estrasburgo (França) e a do Banco Central, em Frankfurt (Alemanha). As origens da UE encontram-se no Plano Schuman, de 1950, que conduziu o Tratado da Comunidade Européia do Carvão e do Aço (CECA), em 1953. Formalmente, a organização surgiu com o Tratado de Roma, de 1957. A Comunidade Européia consolidou-se, objetivamente, como espaço estratégico ocidental no contexto bipolar da Guerra Fria.

O Tratado de Maastricht, de 1992, rebatizou a comunidade como União Européia. Esse tratado, o qual substituiu o de Roma, deflagrou a União Econômica e Monetária (UEM) e estabeleceu a meta de definição de políticas externa e de defesa comuns. A maioria de seus Estados-membros adotou uma moeda única, o euro, a partir de 1999; Suécia e Dinamarca optaram por não aderir ao euro. O Reino Unido está revendo sua posição, mas por enquanto ainda não aderiu à moeda, e a Grécia não cumpriu as condições para adotar o euro (*SAIBA MAIS SOBRE A UNIÃO EUROPÉIA*, 2001; *DOS SEIS PIONEIROS ...*, 2007).

Carvalho & Silva (2004) demonstram, através da figura 1, as fases de integração econômica entre países:

Figura 1: Fases de Integração Econômica Entre Países.



Fonte: Carvalho & Silva, 2004.

Para melhor entendimento sobre o processo integracionista, algumas políticas de protecionismo também serão tratadas.

## 2.2. Protecționismo

O protecționismo é uma política econômica que os países adotam visando proteger o mercado interno, através da criação de mecanismos que dificultam a entrada de mercadorias; reduzem a competição externa e assim, permitem o livre desenvolvimento das atividades econômicas internas. A teoria contrária ao protecționismo é justamente o livre-comércio.

De acordo com Stokes<sup>4</sup> (2008), protecționismo é um “produto de interesses especiais e reflexos da angústia generalizada com a mudança. E tem um alto custo econômico”.

Entre esses mecanismos de protecționismo estão as barreiras não tarifárias e as tarifárias.

### 2.2.1. Barreiras tarifárias

Medida que oferece vantagens para o produtor interno, dando-lhes recursos, evitando assim, as importações de produtos e serviços, estimulando a produção interna, por meio de adoção de imposto.

De acordo com Krugman & Obstfeld (2005), o propósito delas não é apenas de gerar receita, mas sim de proteger determinados setores domésticos, são elas:

- a) **Tarifas específicas:** são valores fixos cobrados para cada unidade importada e para uma determinada mercadoria;
- b) **Ad valorem:** são cobradas como uma fração, porcentagem, sobre o valor do produto; e
- c) **Sistema misto:** quando são adotadas as duas formas de barreira (tarifas especiais e *ad valorem*) sobre o mesmo produto, ou seja, cobrança de determinado valor sobre a unidade importada do produto mais a porcentagem sobre o preço.

### 2.2.2. Barreiras não-tarifárias

Barreiras não tarifárias não se traduzem no pagamento de tributos, mas sim, na necessidade do atendimento de requisitos técnicos ou administrativos. Como exemplo, os países impõem leis e regulamentos estabelecendo limites de resíduos nos alimentos e que haja a proteção  produção do gado.

---

<sup>4</sup> Bruce Stokes é colunista de economia internacional do *National Journal*, dos Estados Unidos.

Nesse caso, outra forma de proteção é a limitação da quantidade de importação do país, por meio de quotas de importação.

Entre essas barreiras, segundo Krugman & Obstfeld (2005) e Ícone (2008), pode-se citar:

a) **Medidas sanitárias:** tem o objetivo de proteger a saúde humana e animal de organismos causadores de doença, como a gripe aviária, vaca louca;

b) **Medidas fitossanitárias:** utilizadas para proteger plantas e frutas;

c) **Cotas de importação:** são restrições à quantidade de importações, tal restrição é levada a cabo pela emissão de licenças a alguns grupos de indivíduos ou firmas;

d) **Restrições à exportação:** são limitações à quantidade de exportações – normalmente imposta pelo país exportador a pedido do país importador; e

e) **Barreiras técnicas:** medida em que o país sofre exigências, tendo que produzir determinado produto de acordo com normas técnicas, impostas pelo outro país. O país deve cumprir um processo de produção, por exemplo. Correspondem a obstáculos relativos à vigência de normas e regulamentos técnicos; regulamentos sanitários, fitossanitários e de saúde animal; padrões de qualidade e assistência técnica, e outros. Cabe destacar que as normas e regulamentos técnicos não constituem barreiras comerciais. As barreiras técnicas podem surgir, no entanto, devido à falta de transparência das normas e regulamentos ou à imposição de procedimentos morosos ou dispendiosos para avaliação de conformidade ou, ainda, em decorrência de regulamentos excessivamente rigorosos, de discriminação com relação ao produto importado ou de inspeções caracterizadas pelo arbítrio ou excesso de zelo (BARREIRAS ..., 2008).

### **2.2.3. Outras formas de proteção**

#### **a) Salvaguardas:**

Medida de defesa comercial para proteger o país ou o produto, é considerada uma medida de urgência.

Ocorre quando um produtor nacional detecta dificuldade de comercializar os seus produtos devido ao aumento das importações. São aplicadas durante um período para que o produtor nacional possa se reajustar e competir novamente.

**b) Subsídios:**

Carvalho & Silva (2004) explicam que os subsídios são uma política comercial que consiste em pagamentos feitos pelo governo para encorajar exportações e desencorajar as importações. Trata-se de um mecanismo de defesa que o país aplica para reduzir impostos e a taxa de juros; realiza compra do produtor a um determinado preço e revende a um preço mais baixo, representando uma redução de custos para o produtor.

Os subsídios à produção de mercadorias destinadas ao consumo interno é um auxílio à produção nacional, para que esta possa competir com a produção estrangeira, onerando o bolso do consumidor nacional que paga os subsídios por meio de impostos.

O subsídio de exportação, para Krugman & Obstfeld (2005), se refere a um pagamento a uma firma ou indivíduo que envia um bem para exterior. Quando os subsídios são oferecidos, os exportadores exportam o bem até o ponto em que o preço doméstico excede o preço estrangeiro pelo montante do subsídio.

Segundo Maia (1999), os subsídios destinados à exportação de algumas mercadorias têm a finalidade de torná-las mais competitivas, em termos de preço.

## **CAPÍTULO 3 – CARACTERÍSTICAS DO MERCOSUL E DE SEUS PAÍSES MEMBROS**

Neste capítulo serão abordadas as características do Mercosul como bloco econômico, desde seu início até os dias atuais, bem como as melhorias que trouxe para seus países membros, com maior foco nas trocas comerciais. Além disso, o capítulo detalha a economia de cada estado membro, de modo individual.

### **3.1. O que é o MERCOSUL?**

O Mercosul foi o resultado de um processo de aproximação econômica entre Argentina e Brasil, que ansiavam por uma integração bilateral através da assinatura da “Declaração de Iguazu”, assinada por José Sarney e Raúl Ricardo Alfonsín (presidentes dos respectivos países na década de 1985). No ano seguinte, em 1986, criou-se o Programa de Integração e Cooperação Econômica (PICE), cujos princípios nortearam o Tratado de Assunção. Esses princípios consistiram em: flexibilidade (ajustes no ritmo e objetivos); gradualismo (para avançar em etapas anuais); simetria (harmonizar as políticas específicas que interferem na competitividade setorial) e equilíbrio dinâmico (para propiciar uma integração econômica uniforme) (SANTANA, 2004).

Em 1988, Brasil e Argentina assinaram o Tratado de Integração, Cooperação e Desenvolvimento, cujo objetivo era fixar uma área de livre comércio em um prazo de dez anos. O apogeu deste processo ocorreu em 1990, com a assinatura da Ata de Buenos Aires, reduzindo o prazo de integração para quatro anos e meio, e o objetivo passou a ser o mercado comum, incluindo nas negociações o Paraguai e o Uruguai. Em março de 1991, foi firmado então, o Tratado de Assunção entre os quatro países, para a constituição do Mercado Comum do Sul.

Apesar das negociações sempre estarem expressas em argumentos de vantagens econômicas, o Mercado Comum do Sul surgiu de motivações políticas, cujo objetivo era fortalecer os processos democráticos emergentes nos quatro países membros. O Mercosul deu impulso simbólico à causa da integração regional no hemisfério ocidental.

Esta integração entre os países da região sul americana se insere em um contexto de dois processos contemporâneos: a integração regional e a inserção competitiva na economia global, onde as economias começam a se movimentar em blocos.



Segundo dados do MDIC (2008), a população do Mercosul chega a mais de 200 milhões de habitantes, sendo que 80% se encontra no Brasil, e representa um produto interno bruto (PIB) de mais de 1 trilhão de dólares. O Mercosul tem uma área total de pouco menos de 12 milhões de quilômetros quadrados, superando em mais de quatro vezes a União Européia.

O Mercosul é a quarta maior área geoeconômica do mundo, ficando atrás somente do Acordo de Livre Comércio da América do Norte (Nafta), da União Européia e do Japão (apesar de não ser uma zona de livre comércio, há uma grande influência japonesa na Ásia), sendo um dos mercados emergentes com maior renda per capita. Estes fatores tornam esse bloco um dos principais pólos de atração de investimentos.

Na tabela 1, Vazquez (2001) e FMI (2008) apresentam a variação do PIB dos países do Mercosul.

Tabela 1 – PIB comparativo do Mercosul (1990 – 2007).

<b>INDICADOR</b>	<b>UNIDADE</b>	<b>ARGENTINA</b>	<b>BRASIL</b>	<b>PARAGUAI</b>	<b>URUGUAI</b>	<b>MERCOSUL</b>
PIB em 2007	Bilhões de dólares	259,9	1.313,5	10,8	22,9	1.590,1
PIB em 1990	Bilhões de dólares	79,4	422,8	6	7,93	516,13
Percentual de crescimento	%	227,3	210,1	80	188,7	208

Fonte: VAZQUEZ (2001)/ FMI (2008)

A partir da tabela 1, observa-se a taxa de crescimento do PIB dos países do Mercosul, que de modo geral foi de cerca de 208%, e a economia que mais cresceu durante esses 18 anos foi a Argentina, com um aumento de 227%.

De acordo com dados do MDIC (2008), para se ter uma idéia da expansão econômica do bloco, basta observar que de 1990 para 1997, o comércio entre o Brasil e seus sócios do bloco chegou a quintuplicar, passando de US\$ 3,6 bilhões para US\$18,7 bilhões.

A partir de 1998, o intercâmbio entre o Brasil e o Mercosul decresceu devido a ajustes cambiais interno e o declínio geral da balança comercial, atingindo US\$13,5 bilhões.

Em julho de 1999, estabeleceu-se um plano de uniformização de taxas de juros, de inflação e índice de déficit. Este foi um importante passo no sentido de integração econômica entre os países membros.

Em 2000 e 2001, devido à crise econômica da Argentina, nosso principal parceiro comercial, as trocas de mercadorias foram afetadas. Porém, em 2005, a situação comercial já apresentou melhoras, e em 2006 alcançou um maior intercâmbio, atingindo US\$ 22,9 bilhões.

Ainda segundo os dados do MDIC (2008), constata-se que o aumento de intercâmbio comercial no Mercosul não está relacionado com desvios de preferência tarifárias, e também não está relacionado com a redução do comércio com terceiros ou outros blocos, mas sim, com criação de mercado. As perspectivas apontam que o comércio intra-zona continuará crescendo, demonstrando que o potencial do comércio ainda não se esgotou, entretanto, pode estar próximo de seus limites.

Por isso, segundo o Ministério das Relações Internacionais, o Mercosul tem interesse em manter um relacionamento externo amplo e variado, recomendando também a ampliação das fronteiras, seja pela conquista de novos parceiros, seja pela diversificação das pautas de comércio.

Os países membros têm se preocupado constantemente em manter uma inserção comercial global, sem privilegiar um ou outro país, a fim de garantir um escopo maior de atuação na cena internacional. Suas importações e exportações distribuem-se, de forma equilibrada, entre as diversas economias do mundo. Neste sentido, é natural que o Mercosul pratique e respeite os princípios do regionalismo aberto, precisamente para aumentar e melhorar a participação de suas quatro economias no mercado mundial (COMÉRCIO E ECONOMIA, 2008).

O setor industrial do Mercosul é hoje um dos mais importantes e desenvolvidos dentre os países em desenvolvimento. Uma das economias mais dinâmicas do mundo, superior à média mundial, onde a estabilidade é um dos fatores que influencia e a inflação é considerada estável e sob controle.

Na agenda de negociações do Mercosul, destacam-se os seguintes temas: negociações de livre comércio entre Mercosul e Aladi; Acordo de Cooperação econômica e comercial com a União Européia; e Negociações com vistas à formação de Área Hemisférica de Livre Comércio (NA AGENDA ..., 2008).

A integração comercial propiciada pelo Mercosul também favoreceu a implantação de realizações nos mais diferentes setores, como educação, justiça, cultura, transportes, energia, meio ambiente e agricultura. Neste sentido, vários acordos foram firmados, incluindo desde o reconhecimento de títulos universitários e a revalidação de diplomas até, entre outros, o estabelecimento de protocolos de assistência mútua em assuntos penais e a criação de um "selo cultural" para promover a cooperação, o intercâmbio e a maior facilidade no trânsito aduaneiro de bens culturais (O MERCADO DO MERCOSUL, 2008).

O Mercosul também tem contribuído para gerar investimentos entre os sócios, como por exemplo, o Brasil fez vários investimentos na Argentina, nos setores de bebidas, vinhos,

alimentos, material de construção, autopeças, têxteis, seguros e bancos. Por sua vez, a Argentina investiu no Brasil, nos setores alimentícios, de veículos, de material de construção e de construção civil (O MERCADO DO MERCOSUL, 2008).

Dessa forma, pode-se observar que os países membros buscaram a ampliação de seus mercados através da integração, permitindo a aceleração do crescimento e desenvolvimento. A integração acontece, entre outros fatores, por meio do estabelecimento de uma tarifa externa comum, de políticas econômicas comuns e coordenação de políticas macroeconômicas.

### 3.2. Estrutura Institucional do Mercosul

De acordo com Maia (2006), a estrutura institucional do Mercosul, vigente desde 15 de dezembro de 1995, baseada no protocolo de Ouro Preto, é composta de três órgãos com capacidade decisória. Esta estrutura decisória é de natureza intergovernamental, aproveitando-se da infra-estrutura e pessoal do setor público dos Estados-Parte. Esses três órgãos são:

- O **Conselho do Mercado Comum** (CMC), órgão supremo cuja função é a condução política do processo de integração. O CMC é formado pelos Ministros de Relações Exteriores e de Economia dos estados-membros, que se pronunciam através de decisões para assegurar o cumprimento dos objetivos estabelecidos no Tratado de Assunção, e entre outras atribuições, definem como adotar decisões em matéria financeira e orçamentária; formulam políticas e promovem ações necessárias à conformação do mercado comum, homologam o regimento interno do grupo mercado comum etc. A presidência do conselho é rotativa, em ordem alfabética, pelo período de seis meses. Podem se reunir quantas vezes for necessário, porém devem fazê-lo pelo menos uma vez por semestre, com a participação dos presidentes dos países membros.
- O **Grupo Mercado Comum** (GMC), órgão decisório executivo, que toma as devidas providências ao cumprimento das decisões adotadas pelo Conselho. É também responsável de fixar os programas de trabalho que assegurem os avanços para o estabelecimento do Mercado Comum, e de negociar acordos com terceiros em nome do Mercosul, por delegação expressa do CMC. O GMC se pronuncia por Resoluções, e está integrado por representantes dos Ministérios de Relações Exteriores e de Economia, e dos Bancos Centrais dos Estados-Parte. Podem se

unir de forma ordinária ou extraordinária, quantas vezes se fizerem necessárias. Seguem algumas das atribuições do GMC: negociar, por delegação do Conselho e com base nos mandatos específicos, acordos em nome do Mercosul com terceiros países, grupos de países ou organismos internacionais; zelar, nos limites de sua competência pelo cumprimento do Tratado de Assunção, de seus Protocolos e Acordos firmados no seu âmbito etc.

- A **Comissão de Comércio do Mercosul** (CCM), um órgão decisório técnico, contando com oito Comitês Técnicos, responsável por apoiar o GMC no que diz respeito à política comercial do bloco, tendo como uma de suas competências a de zelar pela aplicação dos instrumentos de política comercial comum pelos Estados-Parte, para o funcionamento da União Aduaneira, além de acompanhar e revisar assuntos relacionados com as políticas comerciais comuns, com o comércio intra-Mercosul e com terceiros países. Pronuncia-se por Diretivas e devem se reunir pelo menos uma vez por mês ou sempre que solicitados pelo GMC. É coordenado pelo Ministério das Relações Exteriores, integrada por quatro membros por país (MAIA, 2006).

Além disso, o Mercosul conta com outros órgãos consultivos, a saber:

- A **Comissão Parlamentar Conjunta** (CPC), órgão de representação parlamentar, integrada por até 64 parlamentares; 16 de cada Estado-Parte. A CPC tem um caráter consultivo, deliberativo, e de formulação de Declarações, Disposições e Recomendações.
- O **Foro Consultivo Econômico Social** (FCES), é um órgão consultivo que representa os setores da economia e da sociedade, que se manifesta por Recomendações ao GMC (MAIA, 2006).

Além disso, através do Dec. nº 11/03, em 2003, constituiu-se a:

- **Comissão de Representantes Permanentes do Mercosul** (CRPM), que é um órgão permanente do CMC, integrado por representantes de cada Estado-Parte e presidida por uma personalidade política destacada de um dos países membros. Sua função principal é apresentar iniciativas ao CMC sobre temas relativos ao processo de integração, as negociações externas e a conformação do Mercado Comum.

Para dar apoio técnico a essa Estrutura Institucional, o Mercosul conta com a:

- **Secretaria do Mercosul** (SM), que tem caráter permanente e está sediada em Montevideu, Uruguai. É um órgão de apoio operacional, responsável pela prestação de serviços aos demais órgãos do Bloco. Atualmente, a Secretaria está dividida em três setores, de acordo com a Resolução GMC n.º 01/03, do Grupo Mercado Comum, e recentemente passou a desempenhar tarefas técnicas, como servir como arquivo oficial da documentação do Mercosul; realizar a publicação e a difusão das decisões adotadas no âmbito do Mercosul etc (MAIA, 2006).

### **3.3. As Economias dos Países Membros**

#### **3.3.1. Argentina**

A República Argentina possui uma área de 3.761.274 km<sup>2</sup> e uma população de 36.223.947 milhões de habitantes. De acordo com dados do FMI, de 2008, o PIB da Argentina é de US\$ 259.999 bilhões (*LA REPÚBLICA ARGENTINA*, 2008).

Os principais setores da economia argentina são a pecuária (grande produtor e exportador); a agricultura (com um dos solos mais férteis do mundo – o Pampa –, a agricultura argentina apresenta uma das mais altas produtividades mundiais, com destaque para o trigo, seu produto mais importante, e outros, como o milho, erva-mate, aveia, cevada, soja, sorgo, cana de açúcar, girassol, algodão, batatas e frutas); a pesca; a indústria (os segmentos de automóveis, cimento, agro químicos, siderúrgicos, pneus e têxteis). Além disso, com o Mercosul, o comércio entre os países propiciou o desenvolvimento da indústria automobilística, principal atividade industrial do país (*O ÍNDIO E O NEGRO*, 2008).

Até 1940, a economia argentina era essencialmente agrícola. A partir das décadas seguintes, a indústria cresceu consideravelmente, um papel importante no processo de desenvolvimento. Observa-se ainda um grande dinamismo no setor agrícola que, graças à presença de terras férteis e climas propícios, apresenta altos índices de produtividade, permitindo à Argentina tornar-se um dos maiores produtores e exportadores mundiais de cereais (*COMO EXPORTAR, ARGENTINA*, 2008).

A Argentina passou, por vários ciclos de instabilidade política e econômica, que se manifestaram em crescentes índices de inflação, desemprego e desequilíbrio orçamentário e

externo. Nos anos de 1990, o Governo promoveu a implementação de medidas de ajuste macroeconômico, renegociações da dívida externa, privatização dos serviços públicos e dos setores elétrico e petrolífero (COMO EXPORTAR, ARGENTINA, 2008).

O país passou por uma crise econômico-financeira que atingiu seu ápice em fins de 2001 e início de 2002 (COMO EXPORTAR, ARGENTINA, 2008).

Após sofrer brusca queda de 10,9% em 2002, o PIB, registrou elevadas taxas de crescimento, sendo assim, os cinco anos mais virtuosos da história econômica do país. O índice de desemprego, para o ano de 2007, foi de 7,5%, o que representou uma diminuição de 1,2 pontos percentuais com relação ao índice do ano anterior. O índice de preços ao consumidor (IPC) registrou aumento de 9,8%, em 2006, e 8,5%, em 2007, conforme dados estatísticos oficiais fornecidos pelo I.N.D.E.C. (“*Instituto Nacional de Estadísticas y Censos*”) (COMO EXPORTAR, ARGENTINA, 2008).

No setor externo, tanto as exportações como as importações apresentaram crescimento durante o ano de 2007 (20% e 31%, respectivamente), o que determinou um saldo positivo na balança comercial de US\$11,1 bilhões.

Com a dolarização da economia, em 2001, no governo do presidente Fernando de la Rúa, a Argentina passa a depender da política monetária do Banco Central americano, por meio de suas taxas e juros. Com essa medida a integração entre os membros tornou-se ainda mais difícil e a possibilidade de uma moeda única no Mercosul se torna impraticável, tornando-se ainda, protecionista com relação ao Brasil (Argentina..., 2008)

O comércio exterior argentino passou por grandes mudanças em função do Mercosul e da abertura da economia, refletidas particularmente na redução das barreiras tarifárias e não tarifárias.

Apesar disso, o Brasil e Argentina enfrentam dificuldades na relação comercial. A Argentina está impondo barreiras nos setores automobilísticos e de eletrodomésticos (como, geladeira, fogões e etc.) do Brasil, alegando que a importação desses produtos está dificultando o crescimento desses setores no seu país.

A Argentina alega ainda, que os produtos agrícolas brasileiros têm subsídios do governo, como é o caso do açúcar, que chega ao mercado argentino com o preço mais competitivo, prejudicando a produção nacional.

O Brasil recorreu à OMC, em 1999, pois a Argentina estabeleceu barreiras ao tecido e lã importados, e exigiu selos de qualidade aos calçados brasileiros, para prejudicar a entrada dos produtos brasileiros naquele mercado.

Apesar de algumas dificuldades nas relações comerciais com os países parceiros, com o surgimento do Mercosul e a crescente integração mundial, a economia argentina foi impulsionada, apresentando uma grande expansão real, sendo que no período de 1991/97, o PIB total cresceu 53,8% (GUIA DO EXPORTADOR, 2008).

A tabela 2 mostra a evolução da economia argentina a partir das exportações e importações no decorrer de oito anos.

Tabela 2 – Argentina: evolução do comércio exterior total 2000 – 2007 (em US\$ milhões).

<b>Anos</b>	<b>Exportações</b>	<b>Variação %</b>	<b>Importações</b>	<b>Variação %</b>	<b>Saldo</b>
<b>2000</b>	26.341	...	23.889	...	2.452
<b>2001</b>	26.543	0,76	19.157	-19,8	7.386
<b>2002</b>	25.650	-3,36	8.473	-55,8	17.177
<b>2003</b>	29.939	16,7	13.134	55	16.805
<b>2004</b>	34.365	14,8	21.185	61,3	13.180
<b>2005</b>	40.352	17,4	28.689	35,4	11.663
<b>2006</b>	46.456	15,1	34.151	19	12.306
<b>2007</b>	55.933	20,4	44.780	31,1	11.154

Fonte: INDEC Intercâmbio Comercial Argentino e Infojust/ Braziltradenet.gov.br (2008).

Em 2007, as exportações aumentaram 20%; os principais produtos exportados foram: grão, farelo e óleo de soja (complexo soja), veículos automotores, milho, trigo, combustíveis, minério de cobre e seus concentrados, carnes bovinas, petróleo cru, tubos de ferro ou aço e gás de petróleo.

As importações aumentaram 31%, sendo os principais itens importados: veículos automotores e autopeças, aparelhos para telefonia celular, combustíveis (principalmente gasóleo e *fuel-oil*) e energia elétrica, aviões (ingressados temporalmente por mais de 365 dias) feijão de soja, minérios de ferro e insumos, e bens de capital para o agro.

Tanto nas importações como nas exportações o principal cliente argentino é o Mercosul, com 36% e 22%, no ano de 2007, respectivamente (COMO EXPORTAR, ARGENTINA, 2008).

### 3.3.2. Paraguai

O Paraguai conta com aproximadamente 5.360.000 habitantes e com uma área de 400.752 km<sup>2</sup>. De acordo com dados do FMI, de 2008, o PIB do Paraguai é de US\$ 10.870 bilhões.

A partir dos anos 1970, iniciou-se um aproveitamento de maneira mais intensa da exploração dos recursos energéticos do Rio Paraná e pela incorporação de novas áreas à agricultura, em razão da colonização agrícola e das exportações de soja e algodão (COMO EXPORTAR, PARAGUAI, 2008).

A economia foi impulsionada pela construção, em conjunto com o Brasil, da hidrelétrica de Itaipu, que apresentou crescimento até 1982, quando se encerrou a construção da usina e com queda da cotação internacional do algodão e da soja.

No início do ano de 1984, a economia se recuperou, mas nunca voltou a crescer ao ritmo dos anos 70.

Na década de 1990, o crescimento foi reduzido, registrando-se uma média de 2,1% para os dez anos.

Segundo o *site* [braziltradenet.gov.br](http://braziltradenet.gov.br), no período entre 2002 e 2006, o PIB paraguaio registrou um crescimento médio de 3% ao ano, variando de US\$ 5,09 bilhões, em 2002, a US\$ 9,82 bilhões, em 2006.

O mercado é caracterizado por um grande setor informal, onde figura a reexportação de bens de consumo (produtos eletrônicos, bebidas e tabaco, perfumes e equipamentos de escritório) para países vizinhos (COMO EXPORTAR, PARAGUAI, 2008).

De acordo com o *site* [braziltradenet.gov.br](http://braziltradenet.gov.br) (2008), o setor formal é largamente orientado para o segmento de serviços, mas uma grande parte da população dedica-se à atividade agrícola, como base de subsistência.

A economia paraguaia é voltada para a agropecuária, pesca e extrativismo vegetal. Aproximadamente metade da população é voltada para o setor primário; os principais produtos produzidos são: mandioca, milho, cana-de-açúcar, soja, banana e algodão. A pecuária tem uma importância maior na economia; e a pesca é de forma artesanal (PARAGUAI, 2008).

O país importa os derivados do petróleo, e a energia elétrica é obtida através da hidrelétrica de Itaipu, onde Brasil e Paraguai dividem a energia produzida, através de um tratado assinado em 1973, o que permite ao Paraguai exportar parte de sua quota ao Brasil.



O setor industrial do Paraguai é pouco desenvolvido, na sua maioria composto por indústria transformadora para a elaboração de óleos vegetais, produtos têxteis e de couro.

Com a criação do Mercosul, o comércio exterior paraguaio teve um crescimento expressivo nos últimos anos. Entre 1991 e 2006, o intercâmbio comercial registrado entre Mercosul, evoluiu de US\$ 656 milhões, em 1991, para cerca de US\$ 2.743 milhões, em 2006, o que indica uma taxa média de crescimento nominal de 9,3% ao ano. As exportações concentram-se nos produtos agrícolas (25,2%), destacando-se a soja e o algodão; a partir de 2005 incorporou-se a carne como o segundo produto em importância, evoluindo de US\$ 61 milhões, em 2003, para cerca de US\$ 422,1 milhões, em 2006, o que representou 22,1% das exportações totais do ano 2006. Os produtos agrícolas estão sujeitos às flutuações nos preços internacionais e às condições climáticas, que variam consideravelmente. Já a pauta de importação do Paraguai é diversificada, incluindo máquinas e equipamentos de transporte, produtos alimentícios, bebidas e tabaco, bens de capital, outros bens de consumo, combustíveis e lubrificantes, matérias primas e bens intermediários (COMO EXPORTAR, PARAGUAI,, 2008).

A tabela 3 mostra a evolução do comércio exterior paraguaio.

Tabela 3 – Paraguai: evolução do comércio exterior total 1999 – 2006 (em US\$ milhões).

<b>Anos</b>	<b>Exportações Registradas (FOB)</b>	<b>Var. (%)</b>	<b>Importações Registradas (CIF)</b>	<b>Var. (%)</b>	<b>Balança Comercial</b>
<b>1999</b>	741	-26,9	1.725	-30,2	-984
<b>2000</b>	869	17,3	2.050	18,8	-1.181
<b>2001</b>	990	13,9	1.889	-3,0	-999
<b>2002</b>	951	-3,9	1.510	-24,1	-559
<b>2003</b>	1.242	30,6	1.865	23,5	-623
<b>2004</b>	1.627	31,0	2.658	42,5	-1.031
<b>2005</b>	1.688	3,7	3.251	22,3	-1.563
<b>2006</b>	1.903	12,7	5.254	61,6	-3.351

Fonte: Banco Central do Paraguai/Braziltradenet.gov.br (2007).

A expansão das exportações tem sido menor (na média) do que a das importações. Entre 2002 e 2006, a taxa média de crescimento das exportações, foi de 14,9% ao ano, sendo que, as exportações paraguaias passaram de US\$ 950,6 milhões, para cerca de US\$ 1.903 milhões. O Mercosul representa o principal mercado de destino, com participação de 48,1%, em 2006. Individualmente, o Brasil figurou, no mesmo período, como o segundo principal comprador de produtos paraguaios, absorvendo 17,2% de suas exportações.

Ao contrário das exportações, as importações têm mostrado tendência de expansão mais acentuada. Ao longo dos anos de 2002 e 2006, o incremento anual médio calculado foi de 28,3%, tendo os valores evoluído de US\$ 1.510 milhões para US\$ 5.254 milhões.

Como na exportação, o Mercosul, é a principal origem das importações paraguaias, com 34,8% do total em 2006, mas que vem diminuindo paulatinamente. Isoladamente, o Brasil consta como o segundo maior fornecedor de produtos ao Paraguai, em 2006, forneceu de 21,4% das importações registradas (COMO EXPORTAR, PARAGUAI, 2008).

Segundo o site [braziltradenet.gov.br](http://braziltradenet.gov.br), o comércio exterior paraguaio é fortemente influenciado pelo chamado “turismo comercial”, estima-se que 70% das exportações paraguaias (registradas e não registradas) direciona-se para os países do Mercosul. Dessas exportações, cerca de 75% não é registrada, e provém do “turismo comercial”, que opera com bens importados pelo Paraguai para reexportação aos países vizinhos.

De acordo com Zenker<sup>5</sup>, o Paraguai fez exigências para diminuir as assimetrias entre as economias do Mercosul. São reivindicações de apoio ao desenvolvimento econômico do Paraguai e do Uruguai, (consideradas economias de menor desenvolvimento no bloco), apresentadas ao Brasil e Argentina (economias de maior nível de desenvolvimento) (ZENKER, 2008).

O embaixador Paraguaio Luis Gonzalez Arias, reconhece que as assimetrias estão nas áreas industriais, de transporte de mercadoria e de financiamento. A reivindicações do Paraguai e Uruguai são medidas específicas que permitem que os países tenham melhores condições de se integrar ao Mercosul, tanto de forma econômica, como política e culturalmente (ZENKER, 2008).

A criação de um Fundo de Convergência Estrutural do Mercosul (FOCEM), através da Decisão do Conselho do Mercado Comum (CMC) n.º 45/04, de 2004, foi “destinado a promover a competitividade e a coesão social dos Estados-Parte; reduzir as assimetrias, em particular dos países e regiões menos desenvolvidas” (MERCOSUL/CMC/DEC, 2004). Segundo o *site* do ICTSD<sup>6</sup> (2007), desde 2007, mais de 90 milhões de dólares será direcionado para investimentos, por meio desse fundo, nas áreas de habitação, transportes, incentivos à microempresa, biossegurança e capacitação tecnológica, o que favorecerá inclusive, a economia do Paraguai.

Em 2007, o Conselho do Mercado Comum adotou medidas que beneficiam as economias menores do Mercosul, como o Paraguai e Uruguai, que possuem poucas empresas.

---

<sup>5</sup> Ana Luiza Zenker é repórter do *site* da Agência Brasil.

<sup>6</sup> International Centre for Trade and Sustainable Development (ICTSD).

Esta medida permite usar 40% dos componentes nacionais ou da região na fabricação de seus produtos, até 2022. Na regra, essa porcentagem é de 60% de insumos nacionais para ficarem livres de tarifa (MERCOSUL..., 2007).

O Paraguai possui interesse em realizar acordos com os Estados Unidos, e de acordo com o Ministro das Relações Exteriores e Chanceler, Celso Amorim, para realizar essas negociações separadamente ele teria que deixar o Mercosul, e Brasil e Argentina, cientes de que são as maiores economias do bloco, deveriam tomar medidas para ajudar o Paraguai a se desenvolver (HOLLANDA E CARMARGO, 2005).

### 3.3.3. Uruguai

A República Oriental do Uruguai conta com uma população de 3,4 milhões de habitantes e área de 176.215 km<sup>2</sup> (NO ANO ..., 2008).

De acordo com dados do FMI, de 2008, o PIB uruguaio é de US\$ 22,9 bilhões.

Possui uma economia aberta, com estrutura produtiva baseada no setor agroindustrial, dirigido à exportação; importante para a sustentação do setor industrial e das exportações, além de influenciar nos serviços financeiros e de transporte. Os bens dessa origem representaram, em 2005, aproximadamente 75% das exportações do país (COMO EXPORTAR, URUGUAI, 2008).

A economia é voltada para agropecuária, como cana-de-açúcar, arroz, trigo, cevada, milho, batata, bovinos, caprinos, aves, e também mineração de pedras preciosas e ouro. No setor industrial, o país é forte no setor alimentício, vestuário, petroquímica, carvão, veículos, bebidas e artigos em couro.

A partir dos anos 1970, a economia uruguaia apresentou um amplo grau de abertura financeira, caracterizada pela existência de total liberdade para a movimentação de capitais e para a determinação das taxas de juros anuais, isenções tributárias.

Até 1998, a economia uruguaia registrou uma década de expansão produtiva, mas foi interrompida em 1999, sobretudo em decorrência da queda do preço das *commodities*, o que levou o PIB a desvalorizar em 3,2%. Entre 2000 e 2002, economia continuou em recessão, o aumento do preço do petróleo, das taxas de juros internacionais e situação de instabilidade na Argentina agravaram o quadro recessivo.

Em 2003, acumulou queda de 22,7% do PIB, no mesmo ano, iniciou-se a recuperação, logo que concluiu o processo de reestruturação da dívida externa, e retomou o

crescimento econômico em 2004, nesse ano o PIB cresceu 11,8% (COMO EXPORTAR, URUGUAI, 2008).

De acordo com informações do *site* Braziltradenet.gov.br (2008) e do Banco Central do Uruguai (2008), o valor das vendas ao exterior, que registrou US\$ 1,60 bilhão em 1991, passou para US\$ 2,77 bilhões em 1998, mas caiu no período 1998-2005, totalizando em 2002, US\$ 1,8 bilhão. Em 2005, após recuperar a tendência de crescimento, registraram-se US\$ 3,4 bilhões de exportações, sendo a carne bovina o principal produto (26,5% do total exportado em 2005). As importações passaram de US\$ 2,2 bilhões em 2003, para US\$ 3,9 bilhões em 2005.

Em 2005, o país continuou o caminho da estabilização, encerrando o ano com novo aumento de 6,6% do PIB.

Na tabela 4, pode-se perceber a evolução do comércio exterior do Uruguai.

Tabela 4 – Uruguai: evolução do comércio exterior 1998 – 2007, em US\$ milhões.

Anos	Exportações	Variações (%)	Importações	Variações (%)	Balança comercial
1998	2.770,7	1,7	3.810,5	2,2	-1.039,8
1999	2.241,5	-19,1	3.356,8	-11,9	-1.115,3
2000	2.249,5	2,6	3.465,8	3,2	-1.166,3
2001	2.060,4	-10,4	3.060,8	-11,7	-1.000,4
2002	1.858,3	-9,7	1.964,3	-35,8	-106,0
2003	2.205,9	18,1	2.190,4	11,5	15,5
2004	2.930,8	32,5	3.113,6	42,2	-182,8
2005	3.404,5	16,2	3.878,9	24,6	474,4
2006	4.107	20,6	6.465	66,6	-2358

Fonte: Banco Central do Uruguai/Braziltradenet.gov.br (2007).

Segundo informações do *site* Braziltradenet.gov.br (2007) a partir de 1999 houve uma redução considerável nas exportações uruguaias, para o Mercosul, devido a queda dos preços internacionais das *commodities*, que perdurou até 2002, com total US\$ 1,86 bilhão, 32,9% inferior ao registrado em 1998. Paralelamente, a parcela correspondente ao Mercosul nas exportações uruguaias em 2002 caiu para US\$ 606,8 milhões, queda de 60,3%.

Em 2003, após incertezas da situação financeira e à reestruturação da dívida externa, o intercâmbio comercial iniciou uma trajetória de recuperação, atingindo a taxa de crescimento de 15,0% naquele ano, de 37,5% no ano seguinte, e de 20,5% em 2005.

Durante a visita do Presidente dos EUA, em fevereiro de 2008, na América do Sul, o presidente do Brasil (Luis Inácio Lula da Silva) declarou que o Uruguai deveria defender os seus interesses junto aos EUA, de modo que isso não interferisse nas relações do Mercosul.

Em encontros entre os Presidentes do Brasil e Uruguai, também no ano de 2008, o presidente do Uruguai sinalizou que obedeceria às regras do Mercosul, no caso de assinar acordos bilaterais, em troca de o Brasil trabalhar para diminuição das assimetrias entre as economias do bloco (GALLAS, 2007).

### **3.3.4. Venezuela**

A Venezuela tem uma população de 24,6 milhões de habitantes, segundo dados de 2001, da Cúpula Parlamentar de Integração Continental (CAPITAL: Caracas, 2008).

De acordo com dados do FMI, de 2008, o PIB venezuelano é de US\$ 236.390 bilhões.

Seu território compreende além da área continental, de 882.050km<sup>2</sup>, mais 72 ilhas do mar do Caribe.

Sua economia é impulsionada pela indústria petrolífera, que corresponde a 75% das exportações. Possui uma grande quantidade de recurso naturais, dentre eles a bauxita, carvão vegetal, minério de ferro e ouro (12% das reservas mundiais).

A economia Venezuela é voltada para agricultura, onde 15% da população estão empregadas, em 1/5 das terras. Entre suas produções, as mais importantes são: milho, banana e sorgo, para consumo interno, e cana-de-açúcar, café e cacau para comercialização externa. O setor de pesca é voltado para a comercialização e consumo interno, com a produção principalmente de anchova e camarão (ACREDITA-SE QUE..., 2008).

A exploração do petróleo transformou a economia venezuelana, cerca de 20% do PIB. A Companhia Venezuelana de Petróleo é uma empresa estatal que explora, refina e distribui derivados do petróleo. O País produz ainda ferro, diamante, ouro, carvão betuminoso etc (COMO EXPORTAR, VENEZUELA, 2008).

O setor industrial venezuelano destaca-se em: indústria têxtil e alimentícia, setor petroquímico e siderúrgico, fabrica ainda leite em pó, automóveis, tecido de algodão e seda.

O governo adotou em 1996 uma série de medidas econômicas para assegurar a estabilidade e a recuperação da economia do país, destacando-se: redução e controle inflacionário, restabelecimento da confiança na moeda e na economia, processo de privatização e o fortalecimento do setor financeiro, obtendo bons resultados em 1997.

Os Estados Unidos é o principal parceiro comercial venezuelano, o que corresponde a 50% das exportações.

A partir da tabela 5, pode-se notar a evolução do comércio exterior da Venezuela.

Tabela 5 – Venezuela: comércio exterior de 2002 a 2007 (US\$ milhões, FOB).

	2002	2003	2004	2005	2006	2007
<b>Exportações</b>	26.641	27.170	39.668	55.473	75.508	59.456
<b>Importações</b>	13.380	10.691	17.325	21.854	30.559	29.777
<b>Intercâmbio comercial</b>	40.021	37.861	56.993	77.327	106.067	89.233
<b>Balança comercial</b>	13.261	16.479	22.343	33.619	44.949	29.679

Fonte: Braziltradenet.gov.br (2008).

A Venezuela, como todos os países estudados, também sofreu com a recessão no início dos anos 2000; mas obteve um forte crescimento das exportações, em torno de 45%, entre os de 2002 e 2004.

Ventura<sup>7</sup> afirma que a Venezuela está mais interessada politicamente a entrar no Mercosul, do que comercialmente, e que o país sequer tem idéia sobre o impacto comercial com sua entrada no bloco.

“Ex-consultora jurídica da secretaria do Mercosul, Ventura chama a atenção para o estatuto *sui generis* que a Venezuela já possui no bloco. Por intermédio de um acordo-quadro com o Mercosul, assinado em dezembro de 2005, a Venezuela conquistou o direito de participar das reuniões dos órgãos decisórios do bloco, com direito a voz - o que, em se tratando de Chávez, o mínimo que se pode dizer é que não se trata de concessão ligeira - prerrogativa inédita para um Estado associado. Portanto, a Venezuela é mais do que um associado e menos do que um membro, tendo pago por isto um custo baixo: o de negociar sua adesão. Esse caráter peculiar não tem se mostrado construtivo a médio e longo prazo. Por isso, seria importante promover o quanto antes a adesão plena da Venezuela” (CANTARINO apud VENTURA, 2008).

De acordo com essa colocação, pode-se perceber que o interesse venezuelano é também de aumentar o mercado para seus produtos, principalmente o petróleo. Além disso, a sua entrada no Mercosul fortaleceria o governo do presidente Hugo Chávez, que vem sendo ‘perseguido’ pelos Estados Unidos e outros governos da região.

<sup>7</sup> Deisy Ventura, doutora em direito internacional e europeu pela Universidade de Paris 1, citada em Cantarino, 2008.

### **3.3.5. Aspectos comparativos entre os países**

Os países membros do Mercosul ainda não estão explorando todo o potencial que um bloco econômico deveria proporcionar. São muitas as razões para essa dificuldade, como conflitos internos, política, relação diplomática abalada, que tornam difícil e complexo o desenvolvimento do bloco.

As condições geopolíticas e econômicas dos países membros são distintas, apesar das similaridades de aspectos culturais, de colonização, religiosos e geográficos, sendo que os PIBs dos dois maiores países (Brasil e Argentina) são muito superiores aos do Paraguai e Uruguai.

Numa visão geral do bloco, o Brasil detém a força das indústrias e o Paraguai é fortemente dependente do setor agrícola. A estrutura produtiva da Argentina e do Brasil é mais semelhante.

Apesar de alguns esforços para promover maior integração entre os membros, como um futuro plano de adoção de uma moeda única, como fez o Mercado Comum Europeu, o Mercosul enfrenta conflitos comerciais entre as duas maiores economias do bloco: Argentina e Brasil. A Argentina impõe algumas barreiras nos setores industriais brasileiros, pois a livre entrada desses produtos está dificultando o desenvolvimento destes setores no país. Além disso, atualmente, vivencia-se (em 2008) uma relação difícil entre Brasil e Argentina sobre as importações do Brasil em relação ao trigo (principal produto agrícola argentino).

No campo agrícola, pode-se perceber que a economia argentina apresenta grande dinamismo, graças à presença de terras férteis e climas propícios, apresentando altos índices de produtividade, permitindo ao país firmar-se como um dos maiores produtores e exportadores de cereais.

## CAPÍTULO 4 – O BRASIL E O MERCOSUL

Neste capítulo será focada a atuação do Brasil no Mercosul, bem como as vantagens e desvantagens que este bloco trouxe, do ponto de vista econômico, político e social ao país.

### 4.1. Relação Comercial do Brasil com o Mercosul

Uma das funções do Mercosul é a facilitação do comércio entre as nações, e nesse aspecto, o acordo ampliou o mercado para os produtos brasileiros, o que fez as exportações intra-bloco aumentarem.

A tabela 6 demonstra os intercâmbios comerciais do Brasil com o Mercosul.

Tabela 6 – Relação comercial entre Brasil e Mercosul (em milhões de dólares americanos)

	2008				2007			
	Mercosul	Argentina	Paraguai	Uruguai	Mercosul	Argentina	Paraguai	Uruguai
<b>Exp.</b>	10.459	8.589	1.112	758	7.596	6.311	699	587
<b>Imp.</b>	7.036	6.238	320	478	5.204	4.694	162	347
<b>Saldo</b>	3.423	2.351	792	280	2.392	1.617	537	240

Fonte: SECEX/MDIC (2008)

De acordo com a tabela, pode-se observar que tanto em 2007, quanto em 2008, nossas exportações para o Mercosul foram maiores que nossas importações, sendo que do ano anterior ao primeiro semestre de 2008, houve um aumento de aproximadamente 37,6%. Estes resultados devem-se em grande parte, às relações comerciais com a Argentina.

Pode-se observar que há uma assimetria entre os mercados dos países membros do bloco; uma das origens dos atritos entre os parceiros. Desde 2006, Paraguai e Uruguai vêm aumentando suas queixas sobre as diferenças econômicas entre os países do bloco, prejudicando os chamados sócios menores (D'ANGELIS, 2008). Isso pode ser notado comparando-se as trocas comerciais (exportação e importação) do Brasil com os países do bloco. Vale ressaltar que o principal órgão de referência para essas informações foi o Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio.



### A. Principais trocas comerciais com a Argentina

As trocas comerciais com o principal parceiro comercial do Brasil no bloco se dão da seguinte forma:

**Exportações:** setor automobilístico e acessório; minérios de ferro aglomerados e seus concentrados; manteiga; gordura e óleo de cacau; café em grão, etc.

**Importações:** trigo, farinhas de trigo, malte, cevadas, naftas para petroquímica, automóveis e peças automobilísticas, herbicidas, fruta frescas, etc.

As trocas comerciais entre o Brasil e Argentina são mais equilibradas (setor de automóveis), no sentido que um país supre a necessidade do outro. A tabela 7 revela mais dados sobre as trocas comerciais entre esses dois países.

Tabela 7 – Intercâmbio comercial do Brasil com a Argentina (em bilhões US\$).

	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	2000
<b>A) Exportações FOB (em bilhões de US\$)</b>	14,4	11,7	9,9	7,3	4,5	2,3	5,0	6,2
<b>Variação (%) em relação ao ano anterior</b>	22,8	18,4	34,5	61,6	94,7	-53,2	-19,7	16,2
<b>Participação (%) no total das exportações brasileiras</b>	9,0	8,5	8,4	7,6	6,2	3,9	8,6	11,3
<b>B) Importações FOB (em bilhões de US\$)</b>	10,4	8,0	6,2	5,5	4,6	4,7	6,2	6,8
<b>Variação (%) em relação ao ano anterior</b>	29,3	29,1	12,0	19,2	-1,5	-23,6	-9,3	17,7
<b>Participação (%) no total das importações brasileiras</b>	8,6	8,8	8,5	8,8	9,6	10,0	11,2	12,3
<b>Saldo Comercial (A - B)</b>	4,0	3,6	3,6	1,80	-0,1	-2,4	-1,2	-0,6
<b>Volume de Comércio (A + B)</b>	24,8	19,7	16,1	12,9	9,2	7,0	11,2	13,0

Fonte: MDIC/SECEX (2008)

O comércio entre as duas nações tem apresentado um considerável aumento, sendo que em 2007 a Argentina foi um dos maiores destinos das exportações brasileiras, assim como as importações.

A partir de 2003, o déficit na balança comercial bilateral diminuiu e em 2004 registrou um crescente superávit.

## B. Principais trocas comerciais com o Paraguai:

**Exportações:** Adubos ou fertilizantes, óleo diesel, máquinas e acessórios agrícolas (tratores, pulverizadores, semeadores, ceifadeiras, etc.), fumo, pneus, calçados de borracha, inseticidas, partes automobilísticas, chocolates e outros itens alimentícios, etc.

**Importações:** Em geral são produtos agrícolas, como trigo, milho em grão e outros grãos, farinha, algodão, óleo de Girassol e outros, sementes, roupas de cama, sebo bovino, madeiras, fios de seda, etc.

Na comercialização do Brasil com o Paraguai observa-se que os produtos exportados têm maior valor agregado, enquanto que a importação se dá mais com os produtos primários.

Tabela 8 – Intercâmbio comercial do Brasil com o Paraguai (em US\$ mil, FOB).

	<b>2001</b>	<b>2002</b>	<b>2003</b>	<b>2004</b>	<b>2005</b>
<b>Exportações</b>	<b>720.199</b>	<b>558.455</b>	<b>707.180</b>	<b>871.845</b>	<b>961.093</b>
Variação anual (%)	-13,4%	-22,5%	26,6%	23,3%	10,2%
Part. no total das exp. bras. para o Mercosul (%)	11,3%	16,9%	12,5%	9,8%	8,2%
Part. no total das exp. bras. para o Mundo	1,2%	0,9%	1,0%	0,9%	0,8%
<b>Importações</b>	<b>300.207</b>	<b>383.088</b>	<b>474.750</b>	<b>297.825</b>	<b>319.024</b>
Variação anual (%)	-14,6%	27,6%	23,9%	-37,3%	7,1%
Part. no total das exp. bras. para o Mercosul (%)	4,3%	6,8%	8,4%	4,7%	4,5%
Part. no total das exp. bras. para o Mundo	0,5%	0,8%	1,0%	0,5%	0,4%
<b>Intercâmbio Comercial</b>	<b>1.020.406</b>	<b>941.542</b>	<b>1.181.930</b>	<b>1.169.670</b>	<b>1.280.117</b>
Variação anual (%)	-13,8%	-7,7%	25,5%	-1,0%	9,4%
Part. no total das exp. bras. para o Mercosul (%)	7,6%	10,6%	10,4%	7,6%	6,8%
Part. no total das exp. bras. para o Mundo	0,9%	0,9%	1,0%	0,7%	0,7%
<b>Total Intercâmbio Comercial do Brasil</b>	<b>113.794.818</b>	<b>107.602.274</b>	<b>121.388.738</b>	<b>159.309.936</b>	<b>191.859.687</b>
<b>SALDO</b>	<b>419.993</b>	<b>175.367</b>	<b>232.430</b>	<b>574.019</b>	<b>642.069</b>

Fonte: SECEX/MDIC (2006).

A balança comercial bilateral Brasil-Paraguai tem sido favorável ao Brasil. No período 1990-2006, o Brasil exportou a soma de US\$ 10.390 milhões e importou o total de US\$ 5.556 milhões, perfazendo um saldo comercial positivo de US\$ 4.834 milhões. As exportações brasileiras para o Paraguai cresceram 10% ao ano; enquanto as importações provenientes do Paraguai variaram positivamente apenas em 0,3% ao ano (COMO EXPORTAR, PARAGUAI, 2008).

Entre os anos de 2002 e 2006, o intercâmbio comercial entre os dois países apresentou crescimento médio de 10,7% ao ano, subindo de US\$ 830,5 milhões para US\$ 1.379,3 milhões.

As exportações brasileiras para o Paraguai apresentaram crescimento médio de 17,1% ao ano, no período 2002-2006.

As importações brasileiras provenientes do Paraguai apresentaram diferente comportamento: a média de crescimento anual no período 2002-2006 foi de -1,5% (COMO EXPORTAR, PARAGUAI, 2008).

### **C. Principais trocas comerciais com o Uruguai:**

**Exportações:** *fuel oil*, terminais portáteis de telefonia celular, outros tipos de mate, outros tratores, outras carnes de suíno congeladas, automóveis, óleos lubrificantes, óleos de soja refinada, café solúvel, descafeinado e em grãos, alimentos para cães e gatos, etc.

**Importações:** malte não torrado, garrafões, frascos e garrafas, trigo, farinha de trigo, cevada cervejeira, sulfatos de cromo, sebo bovino, cervejas de malte, queijos, peras frescas, etc.

As relações comerciais com o Uruguai e Paraguai são similares, uma vez que o Brasil exporta produtos com maior valor agregado, como partes automobilísticas e terminais portáteis de celulares, para Paraguai e Uruguai, respectivamente. Os dois países exportam para os brasileiros, produtos primários, como trigo e algodão, e alguns produtos manufaturados, como óleo de girassol, cervejas de malte. A tabela 9 apresenta alguns dados da relação comercial brasileira com o Uruguai.

Tabela 9 – Intercâmbio comercial entre Brasil e Uruguai (em US\$ mil, FOB).

Anos	Exportações Brasileiras	Part. %	Importações Brasileiras	Part. %	Saldo
1998	880.594	1,72.	1.042.113	1,80	-161.520
1999	669.634	1,39	646.672	1,31	22.962
2000	668.539	1,21	601.622	1,08	66.917
2001	640.968	1,10	502.930	0,91	138.038
2002	410.495	0,68	484.847	1,03	-74.352
2003	403.527	0,55	537.868	1,11	-134.342
2004	667.048	0,69	522.856	0,83	144.193
2005	849.577	0,72	493.687	0,67	355.950

Fonte: SECEX/MDIC (2006).

De acordo com dados do *site* [Braziltradenet.gov.br](http://Braziltradenet.gov.br) (2008), o Brasil e o Uruguai são economias que se complementam, situação que se reflete na relação bilateral, em que o Brasil exporta para o Uruguai insumos industriais, maquinaria, automóveis, equipamento de transporte e produtos tropicais; uma parte das compras brasileiras naquele país corresponde a produtos agroindustriais de clima temperado (carne bovina, arroz, laticínios, cevada, etc.).

A partir de 2002, como consequência da recessão, houve uma significativa queda de US\$ 895,3 milhões, no intercâmbio entre os dois países. A partir de 2003, o comércio com o Uruguai se recuperou e alcançou, em 2005, US\$ 1,3 bilhão (COMO EXPORTAR, URUGUAI, 2008).

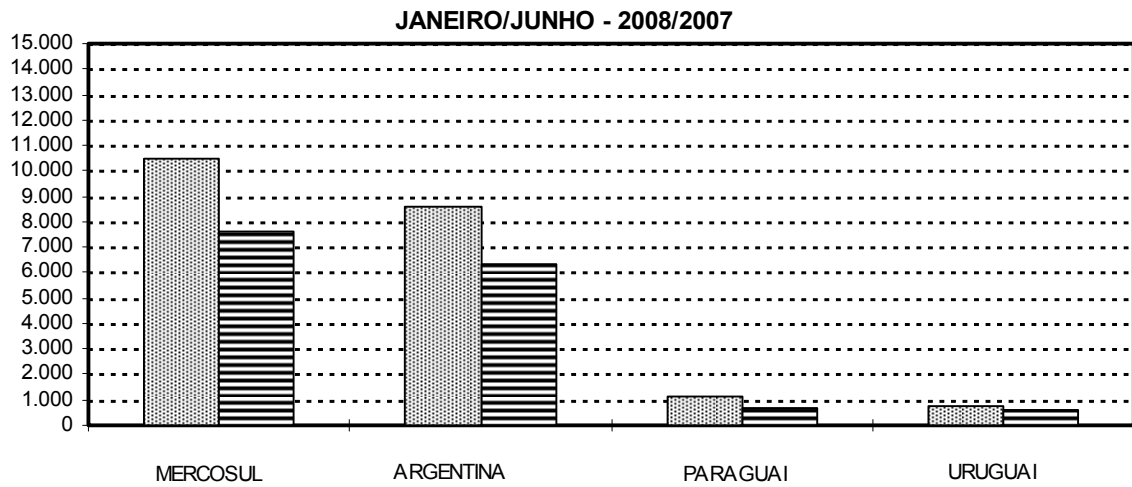
Com relação às importações brasileiras de produtos uruguaios, observa-se padrão semelhante ao das exportações.

Entre os anos de 2002-2003, período em que diminuíram as importações do Uruguai, devido à crise financeira desencadeada em 1999, a balança comercial entre os dois países foi superavitária para o Brasil, alcançando em 2005, o recorde de US\$ 355,9 milhões.

Ocorreu uma recuperação em 2003, quando Uruguai exportou US\$ 537,8 milhões para o Brasil, havendo redução novamente em 2005, para US\$ 493,6 milhões (COMO EXPORTAR, URUGUAI, 2008).

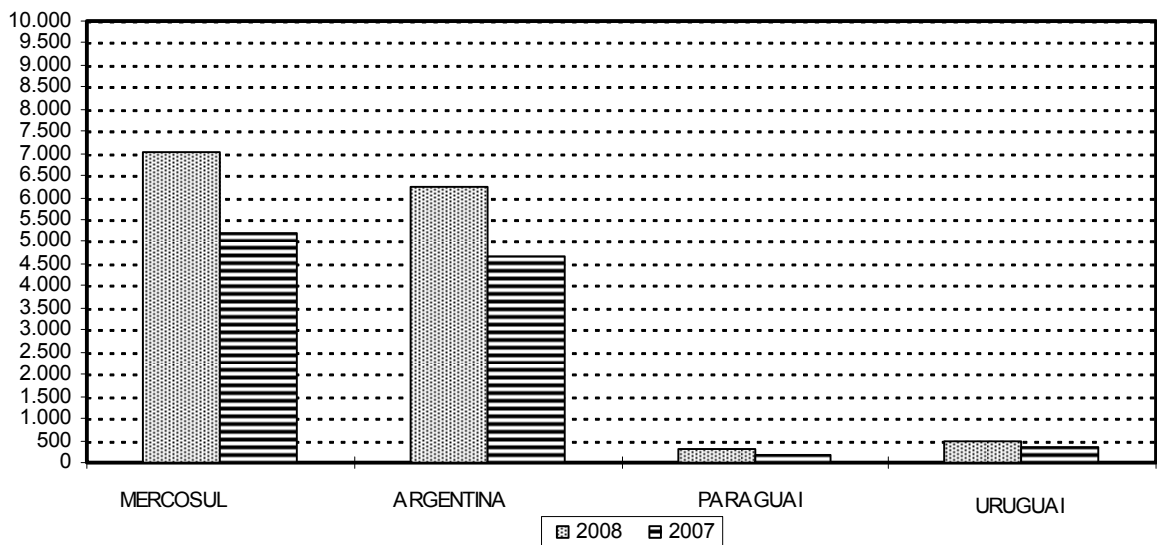
Assim, para uma melhor compreensão de todas as informações sobre as relações comerciais do Brasil com os parceiros do Mercosul, foram elaborados os gráficos 1 e 2.

Gráfico 1 - Exportações brasileiras para o Mercosul (em milhões US\$, FOB).



Fonte: MDIC/ ALICEWEB 2008.

Gráfico 2 – Importações brasileiras do Mercosul (em milhões US\$, FOB).



Fonte: MDIC/ALICEWEB, 2008.

Os gráficos refletem mais uma vez as informações trabalhadas acima: Argentina apresenta-se como principal parceiro comercial do Brasil, dentre os outros países do bloco; saldo comercial positivo para o Brasil no comércio com seus parceiros.

## 4.2. Algumas Reflexões em Torno da Relação - Brasil e Demais Países do Bloco

É indiscutível que desde que o Mercosul entrou em vigor, até os dias atuais, a balança comercial brasileira aumentou significativamente.

Apesar de todas as “facilidades” e “vantagens” que o Mercosul trouxe para seus membros, este bloco ainda não mostrou todo o potencial que blocos econômicos – teoricamente – devem proporcionar.

Um dos problemas é que os países membros colocam à frente seus interesses nacionais, ao invés do propósito da cooperação regional.

É claro que se deve aceitar que a criação do Mercosul, não representa:

“[...] uma varinha de condão que vai varrer, da noite para do dia, os problemas acumulados em décadas de crescimento orientado para dentro ou de intervencionismo paternalista. O processo de integração não vai resolver, por si só, os nossos dilemas de desenvolvimento” (ALMEIDA, 1998, p. 16).

Atualmente, a relação das duas maiores potências econômicas do bloco não é tão favorável. A relação comercial entre Brasil e Argentina vem sofrendo algumas dificuldades de integração, que segundo Peña<sup>8</sup>, um dos grandes ideólogos do Mercosul, o esfriamento na relação Brasil/Argentina se deve ao fato de que o mercado argentino, nas vistas do Brasil e seus empresários, já não é mais tão atraente em termos relativos, se comparado ao mercado global, como por exemplo, em virtude das enormes oportunidades de negócios que se abrem com outros horizontes, particularmente na Ásia (ARGENTINA ..., 2005).

Além disso, como já foi trabalhado no capítulo 3, a Argentina está impondo barreiras nos setores automobilísticos e de eletrodomésticos para as exportações brasileiras, alegando que o país não está conseguindo se desenvolver nestes setores, o que na realidade estas práticas foram proibidas pelo Tratado de Assunção, de 1995.

D’Angelis<sup>9</sup> (2008), explica que um desentendimento maior entre as duas maiores potências do Mercosul não é conveniente, principalmente neste momento (2008), pois discute-se nas negociações da Rodada de DOHA, corte de subsídios agrícolas, sendo que os EUA poderiam recorrer a um corte entre US\$ 13 bilhões e US\$ 16 bilhões, enquanto que a

---

<sup>8</sup> Felix Pena é especialista em relações comerciais internacionais. Exerce suas atividades na Fundação BankBoston e na Universidad Nacional de Trés de Febrero (UNTREF), Argentina.

<sup>9</sup> Wagner Rocha D’Angelis é jurista especializado em Direito Internacional e Direito da Integração; mestre e doutorando em Direito; professor universitário (UTP / Unisep / Dom Bosco); Observador Jurídico da Corte Interamericana de Direitos Humanos da OEA (Corte de San Jose); presidente da Associação de Juristas pela Integração da América Latina (Ajial).

Europa reduziria entre 66% a 73% nas tarifas protecionistas dos produtos agrícolas europeus. Esta ação deve acarretar um crescimento nas pressões de corte das tarifas industriais nos emergentes (aí incluídos Brasil e Argentina), o que deverá ter uma enorme repercussão nos parques industriais destes países.

Argentina e Uruguai também tiveram recentes desentendimentos, devido à oposição da Argentina na construção de duas Fábricas de Celulose, uma finlandesa e outra espanhola, na fronteira do país com o Uruguai, alegando riscos ambientais. Essa questão também levantou críticas ao Brasil, por não ter ‘lutado’ em prol do país de menor nível de desenvolvimento.

Ainda de acordo com D’Angelis (2008), esses desentendimentos evidenciam uma necessidade de caráter urgente dos Estados-Parte em: a) redefinir e harmonizar seus projetos nacionais; b) desenvolver mecanismos e regras padronizadoras do comportamento dos atores governamentais e privados; c) agregar à atual estrutura intergovernamental do Mercosul alguns ingredientes e princípios análogos aos que ajudaram a fazer a diferença no contexto integrado europeu - dentre eles, a instalação de um tribunal fixo e independente dos governos, enquanto órgão jurisdicional competente para o controle da legalidade dos atos e da interpretação das normas regionais, visando assegurar a coerência do sistema jurídico comum (ou comunitário) e dar segurança social ao bloco mercosulista.

Face aos problemas de relações entre os membros, fica evidente a necessidade de uma reformulação da administração das negociações destes países, pois em vários momentos as negociações tomaram caminhos distintos, ou seja, cada país prioriza seus interesses nacionais ao invés do interesse inter-bloco. Surge uma necessidade de dotar o bloco com um órgão independente, com representantes de cada país.

Analisando toda a problemática do Bloco, podemos entender que a principal problemática que trava a evolução do Mercosul é a constante distorção na relação dos dois principais países: Brasil e Argentina.

Giambiagi & Barenboim<sup>10</sup> (2005) explicam que, se fizermos uma leve comparação de evolução do Mercosul com a União Européia, não podemos dizer que o Mercosul esteja se desenvolvendo aos mesmos passos que a UE se desenvolveu para chegar à supremacia de Bloco Econômico. É verdade que levou quarenta anos, depois do Tratado de Roma, para a Europa criar a moeda única Euro, porém o histórico revela vários passos importantes (MERCOSUL..., 2005).

---

<sup>10</sup> Fábio Giambiagi é economista do BNDES, cedido ao Ipea; Igor Barenboim é economista, doutorando da Universidade de Harvard, respectivamente.

Além disso, não se deve ignorar o fato de a União Européia inicialmente envolver quinze países, com grau de heterogeneidade alta, como por exemplo, as economias de Portugal e Alemanha no início de todo o processo, e também ao fato de abranger por volta de dez diferentes línguas.

Comparado a este cenário, o Mercosul, cujos países membros têm a língua muito similar, apresenta taxa de inflação, nível de superávit primário, grau de pobreza, endividamento público e externo e estrutura federativa muitos similares. Além disso, a região sul americana é um espaço na qual há uma ausência de conflitos de natureza étnica, religiosa e de fronteira. Nesta perspectiva, uma das atitudes que deve ser tomada é incentivar uma maior integração entre brasileiros e argentinos.

Um dos elementos que deve ser incentivado para que haja maior integração entre os países é a Educação.

De acordo com Renato Marques<sup>11</sup> (2007), o fruto das nossas heranças de desigualdades, às vezes, pedem soluções em conjunto. Além disso, questiona de que forma podemos avançar em acordos diplomáticos e comerciais se não conhecemos a história e a cultura de nossos vizinhos. Em 2006, foi iniciado o projeto do Mercosul Educacional, uma proposta dos governos, de buscar a mobilidades dos estudantes que fazem parte do Bloco.

Estrategicamente, o Mercosul Educacional é importante, pois aumenta a competitividade econômica, não em produção ou tecnologia, mas em conhecimento.

---

<sup>11</sup> Jornalista e Editor Chefe do Portal Universia Brasil.



## CONCLUSÃO

Com a evolução do comércio, veio a Globalização, cujas conseqüências foram de grandes proporções e as fronteiras deixaram de “existir” para trocas de mercadorias. As estratégias comerciais e políticas dos países também tiveram de evoluir para acompanhar tantas mudanças. Com isso, surgiram os chamados Blocos Econômicos, e o Mercosul surgiu para integrar as economias e políticas dos países do Cone Sul.

Teoricamente, um projeto integrador tem a função de criar um novo espaço geopolítico que não é uma simples soma das partes para a formação de um mercado ampliado, mas sim, a criação de algo maior.

Ao longo deste trabalho, ficou clara a complexidade do relacionamento entre os países membros deste bloco, devido às assimetrias do tamanho das economias, onde os países menores se sentem prejudicados e a falta de apoio das economias maiores para o desenvolvimento do país.

Ainda que, para muitos, o Mercosul ainda é a principal via de integração política, econômica e cultural, os entraves se multiplicam entre as disputas dos países.

Um dos grandes desafios para sua continuidade é a necessidade de adquirir um perfil supranacional capaz de sobrepor os interesses de cada país e a harmonização das economias.

Além das desavenças históricas entre Brasil e Argentina, a ‘atual entrada’ da Venezuela (2006) para o Bloco gerou conflitos pela liderança política do Mercosul entre os três países, enquanto que Paraguai e Uruguai se expõem por não serem levados a sério, ameaçando deixar o bloco e estabelecer um tratado de comércio com os Estados Unidos.

Um ponto importante para que o Mercosul seja “levado a sério” como Bloco Econômico, principalmente pelos próprios países membros (como já visto no transcorrer do trabalho, há muitos descontentamentos), seria necessário que o país líder nas eventuais negociações de Tratados de Livre Comércio (TLC) ou de qualquer outra natureza de acordos entre outros blocos ou países, seja sempre negociado no formato 4 + 1, ou seja, o país em questão e o Mercosul, onde todos os sócios devem ser incluídos na discussão. Deste modo, os interesses nacionais de cada membro não seria prioridade, mas sim o interesse do Bloco.

As desavenças entre os países e a existência de tarifas alfandegárias sobre alguns produtos do próprio bloco, prejudica o Mercosul nas relações comerciais com outro bloco econômico, como é o caso da criação de um acordo de livre comércio com a União Européia, que além de seu objetivo comercial tem ainda o objetivo político.

As negociações com a União Européia também falharam na Rodada de Doha, por exemplo, pois os dois blocos não conseguiram firmar um acordo (em julho de 2008), devido às exigências de cada bloco. O Mercosul fez reivindicações que não foram acatadas pela União Européia e demais nações – de abertura do mercado para os produtos agrícolas – e as exigências européias também não foram acatadas pelos mercosulistas – abrir o mercado para produtos com tecnologias de ponta.

Apesar de todas as problemáticas que entram o desenvolvimento do Mercosul, muitos pensadores acreditam que o bloco tem tudo para progredir. Para Giambiagi & Barenboim (2005), a união das forças entre Brasil e Argentina pode ser o pólo catalisador de futuros investimentos para a região, tendo como base o equilíbrio macroeconômico, a abertura da economia e a criação de instituições supranacionais que estabeleçam regras e cumprimentos de compromissos assumidos por países diante de terceiros.

## REFERÊNCIAS

- ACREDITA-SE que foi Américo Vespúcio..., Disponível em:  
<<http://www.brasilecola.com/geografia/venezuela.htm>> Acesso em 30 ago. 2008.
- AGREEMENT ON IMPLEMENTATION OF ARTICLE VI OF THE GENERAL AGREEMENT ON TARIFFS AND TRADE, 1994. Disponível em [http://www.wto.org/english/docs\\_e/legal\\_e/19-adp.pdf](http://www.wto.org/english/docs_e/legal_e/19-adp.pdf)>. Acesso em 01 set. 2008
- ALMEIDA, P. R. **Mercosul e Alca na Perspectiva Brasileira**: Alternativas Excludentes? In: LIMA, M. C. (org.). O Lugar da América do Sul na Nova Ordem Mundial. São Paulo: Ed. Cortez, 2001.
- ARGENTINA e Brasil: um matrimônio em crise? 2005. Disponível em:  
<http://wharton.universia.net/index.cfm?fa=viewArticle&id=979&language=portuguese&specialId=>> Acesso em 24 ago. 08.
- BAPTISTA, Luis Olavo; MERCADANTE, Aramita de Azevedo e CASELLA, Paulo Borba. **Mercosul: das negociações à implantação**. São Paulo: Ed. LTR, 1994.
- BARREIRAS ao Comércio Exterior. **Fecomércio**. Disponível em:  
<<http://www.fecomerciopr.com.br/dmdocuments/BarreirasNaoTarifarias.pdf>> Acesso em: 09 set. 2008.
- BLOCOS Econômicos. Disponível em: < <http://www.mundovestibular.com.br/articles/4256/1/BLOCOS-ECONOMICOS---UE-NAFTA-MERCOSUL-APEC-CARICOM-ASEAN/Paacutegina1.html>> Acesso em 01 set. 2008
- CANTARINO, Carolina. **Mercosul**: novo parceiro, velhos problemas. Disponível em:  
<http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=12&id=100>. Acesso em 30 ago. 2008
- CAPITAL: Caracas. Disponível em:  
<http://www.camara.gov.br/internet/CupulaParlamentar/portugues/pVEN.asp>> Acesso em: 29 ago. 2008
- CARVALHO, Maria Auxiliadora de; SILVA, César Roberto Leite da. **Economia Internacional**. São Paulo: Ed. Saraiva, 2004.

Comércio e economia. Disponível em: <[http://www.brasembottawa.org/prt/comercio\\_economia/mercosul.html](http://www.brasembottawa.org/prt/comercio_economia/mercosul.html)>. Acesso em: 28 ago. 2008

COMÉRCIO EXTERIOR. Disponível em: <<http://www.indec.gov.ar/indec/ingles.asp>> Acesso em 15 out. 2008.

**Como Exportar**, Argentina. Disponível em: <[www.braziltradenet.gov.br/arquivos/Publicacoes/ComoExportar/](http://www.braziltradenet.gov.br/arquivos/Publicacoes/ComoExportar/)> Acesso em: 15 out. 2008.

**Como Exportar**, Paraguai. Disponível em: <[www.braziltradenet.gov.br/arquivos/Publicacoes/ComoExportar/](http://www.braziltradenet.gov.br/arquivos/Publicacoes/ComoExportar/)> Acesso em: 15 out. 2008.

**Como Exportar**, Uruguai. Disponível em: <[www.braziltradenet.gov.br/arquivos/Publicacoes/ComoExportar/](http://www.braziltradenet.gov.br/arquivos/Publicacoes/ComoExportar/)> Acesso em: 15 out. 2008.

**Como Exportar**, Venezuela. Disponível em: <[www.braziltradenet.gov.br/arquivos/Publicacoes/ComoExportar/](http://www.braziltradenet.gov.br/arquivos/Publicacoes/ComoExportar/)> Acesso em: 15 out. 2008.

CÚPULA do Mercosul e reunião do CMC debatem assimetrias do bloco. *International Centre for Trade and Sustainable Development*. Disponível em: <http://ictsd.net/i/news/pontesquinzenal/5449/>. Acesso em 31 ago. 2008)

D'ANGELIS, Wagner Rocha. **17 anos de Mercosul: dilemas e desafios**. Disponível em: <<http://www.parana-online.com.br/canal/direito-e-justica/news/288673/>> Publicado em: 19 jul. 2008. Acesso em: 24 ago. 2008.

DECLARAÇÃO DO IGUAÇU. Disponível em: <[http://www2.mre.gov.br/dai/b\\_argt\\_256\\_733.htm](http://www2.mre.gov.br/dai/b_argt_256_733.htm)>. Acesso em 24 ago. 2008.

DOS SEIS PIONEIROS de 1957 aos atuais 27 membros da União Européia. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ultnot/afp/2007/03/24/ult34u177216.jhtm>> Acesso em: 21 nov. 2008.

GALLAS, Daniel. **Lula diz que Mercosul não impede relação Uruguai-EUA**. Disponível em; <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u61265.shtml>> Acesso em: 31 jul. 2008.

GIAMBIAGI, Fábio; BARENBOIM, Igor. **Mercosul: Por uma nova estratégia brasileira**. Disponível em: <[http://www.fapese.org.br/cursos/agn\\_arquivos/saumineo/rev2404.pdf](http://www.fapese.org.br/cursos/agn_arquivos/saumineo/rev2404.pdf)> Publicado em: dez. 2005. Acesso em: 01 set. 2008.

GUIA DO EXPORTADOR. Disponível em:  
<<http://www.global21.com.br/guiadoexportador/argentina.asp>> Acesso em 28 set. 2008.

HISTORIQUE DE L'UEMOA. Disponível em: < <http://www.uemoa.int/index.htm>>. Acesso em 08 set. 2008.

HOLLANDA, Eduardo, CARMARGO, Claudio. **Sob fogo amigo**. Disponível em:  
<[http://www.terra.com.br/istoe/1875/internacional/1875\\_fogo\\_amigo.htm](http://www.terra.com.br/istoe/1875/internacional/1875_fogo_amigo.htm)>. Acesso em: 31 jul. 2008.

ILHA, Adayr da Silva; VENTURA, Deisy de Freitas Lima. **O Mercosul em movimento II**. Porto Alegre: Ed. Livraria do Advogado, 1999.

KRUGMAN, Paul R.; OBSTFELD, Maurice. **Economia internacional : teoria e política**. São Paulo: Ed. Makron Books, 2000.

KUNZLER, Jacob Paulo. **Mercosul e o Comércio Exterior**. São Paulo: 2º Ed. Aduaneiras, 2002.

LA REPÚBLICA ARGENTINA. Disponível em: <<http://www.mrecic.gov.ar/>>. Acesso em: 24 ago. 2008.

LUANE, Katia **Argentina põe Mercosul em xeque**. Disponível em: <  
<http://quest1.jb.com.br/jb/papel/economia/2001/12/02/joreco20011202004.html> >. Acesso em: 28 jul. 2008.

MAIA, Jayme de Mariz. **Economia Internacional e Comércio Exterior**. São Paulo: 5º Ed. Atlas, 1999.

MARQUES, Renato. **Educação no Mercosul**. Disponível em:  
<[www.universia.com.br/materia/materia.jsp?id=13095](http://www.universia.com.br/materia/materia.jsp?id=13095)> Acesso em: 07 out. 2008.

MDIC, **O Mercado do Mercosul**. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/sitio/interna/interna.php?area=5&menu=540>>. Acesso em 28 ago. 2008.

MDIC, **Tarifa Externa Comum – TEC**. Disponível em:  
<<http://www2.desenvolvimento.gov.br/sitio/secex/negInternacionais/tec/apresentacao.php>>. Acesso em: 01 set. 2008.

MERCADO COMUM E COMUNIDADE DO CARIBE (CARICOM). Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/mercosul/blocos/CARICOM.htm>>. Acesso em: 01 set. 2008.

MERCOSUL aprova 40% dos insumos para Paraguai. **JB Online**. Disponível em: <<http://jbonline.terra.com.br/extra/2007/06/29/e29061327.html>>. Acesso em 31 jul. 2008.

MERCOSUL/CMC/DEC. Nº 45/04. **Ministério das Relações Exteriores**. Disponível em; <<http://www.mercosul.gov.br/normativa/decisoes/2004/mercosul-cmc-dec-no-45-04/>>. Acesso em 31 ago. 2008.

NA AGENDA externa do Mercosul. **Ministério das Relações Exteriores**. Disponível em: <[www.mre.gov.br](http://www.mre.gov.br)>. Acesso em 09 mar. 2008.

O ÍNDIO e o negro praticamente. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/geografia/argentina2.htm>>. Acesso em: 28 ago. 2008.

PARA ONDE vai o Mercosul? Disponível em: <<http://www.universia.com.br/materia/materia.jsp?materia=13096>> Acesso em 28 set. 2008.

PARAGUAI. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/geografia/paraguai.htm>>. Acesso em 24 ago. 2008.

STOKES, Bruce. *Protectionism and Politics*. Disponível em: <<http://usinfo.state.gov/journals/ites/0107/ijee/stokes.htm>>. Acesso em 14 out. 2008.

RATTNER, Henrique. **Mercosul e Alca**: o futuro incerto dos países sul-americanos. São Paulo: Ed. IEDUSP, 2002.

SAIBA mais sobre a União Européia. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u27016.shtml>>. Acesso em: 02 set. 2008.

SANTANA, Érica. **Bielsa diz que Argentina é "sócio incômodo"**. Disponível em: <[http://www.radiobras.gov.br/materia\\_i\\_2004.php?materia=226334&q=1&editoria=>](http://www.radiobras.gov.br/materia_i_2004.php?materia=226334&q=1&editoria=>)>. Acesso em: 24 ago. 2008.

SOUTHERN AFRICAN CUSTOMS UNION (SACU). Disponível em: <<http://www.dfa.gov.za/foreign/Multilateral/africa/sacu.htm>>. Acesso em: 01 set. 2008.

VAZQUEZ, José Lopes. **Comércio exterior brasileiro**. São Paulo: Ed Atlas, 2001.

ZENKER, Ana Luiza. **Embaixador paraguaio defende fim da assimetria nas relações do Mercosul.** Disponível em: <<http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2008/04/07/materia.-2008-04-07.6964300649/view>>. Acesso em 31 ago. 2008.